

Centro Universitário de Brasília – UNICEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso: Psicologia
Monografia
Professor: José Bizerril

"I've got Straight Edge": postura antidrogas e veganismo político na cena Straight Edge de Brasília."

Caio Capella Ribeiro Santos

Brasília – DF
2012

CAIO CAPELLA RIBEIRO SANTOS

**"I've got Straight Edge": postura antidrogas e veganismo político na cena
Straight Edge de Brasília."**

Monografia apresentada no curso de psicologia do Centro Universitário de Brasília, como pré-requisito para a obtenção do grau de Bacharelado em Psicologia.

Orientação: Profº Drº José Bizerril

Brasília- DF

2012

Banca examinadora

Aos meus pais, Jorge e Francisca que apesar de não compreenderem meu modo de vida sempre me aceitaram e ao amor da minha vida Yara, que sempre me ajudou a crescer.

Agradecimentos

Primeiro quero agradecer a Deus por me proporcionar uma vida tão maravilhosa e cheia de descobertas, e além do mais só ele sabe as dificuldades pelas quais passei. Nunca estive só, porque você nunca largou a minha mão.

Agradecer à Nossa Senhora de Guadalupe que sempre me protegeu com seu manto de amor.

Gostaria de agradecer a todo suporte e amor da minha família.

À minha namorada, que mesmo longe, me incentivou nesta empreitada.

Aos cinco *punks* que resolveram marcar o “X” em suas mãos e revolucionaram o mundo com suas músicas rápidas, positivas e alegres.

A todos àqueles que carregam o *hardcore* em seus corações, uma chama que nunca se apagará.

Ao meu orientador que viabilizou o desenvolvimento deste projeto com seus *insights* sobre o assunto, que mais do que uma monografia é um projeto pessoal.

E por fim àqueles que não acreditaram em mim e me possibilitaram o combustível para a superação diária.

Sumário

Resumo	7
Introdução	8
Capítulo I: Antropologia Halfie: Compreendendo um grupo urbano de dentro para fora	13
Capítulo II: Cultura Straight Edge ou culturas Straight Edges	28
Capítulo III: Veganismo: A dieta da revolução	47
Capítulo IV: Metodologia: um estranho em meu próprio lar	56
Capítulo V: Procedimento de construção de dados: quando o familiar se torna objeto de análise	63
Considerações Finais	76
Referências Bibliográficas	80
Anexos	82

Resumo

O presente trabalho é produto de uma etnografia realizada como pré requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Foi investigada uma tribo urbana a fim de se compreender o impacto da participação de uma tribo urbana, caracterizada por sua postura antidrogas e vegana na construção do processo saúde-doença dos membros participantes. A etnografia foi realizada a partir de um diálogo entre a psicologia e a antropologia no intuito de propiciar à psicologia uma visão cultural do fenômeno investigado. Inicialmente há um breve histórico sobre a tribo urbana a ser investigada e a fundamentação da perspectiva teórica utilizada. Após isso há uma breve descrição da cena de Brasília, mostrando quem são os participantes, onde moram, o que fazem e seus circuitos de sociabilidade. Para a análise, realizei uma investigação de campo através de material distribuído na cena (*fanzines e* panfletos), entrevistas abertas, a análise de documentários, músicas e informativos do grupo presentes nas redes sociais.

Palavras-chave: Psicologia, Etnografia, Monografia, Saúde-Doença, Tribo Urbana.

Introdução

Entre o Anthropological Blues e o Anthropological Rock: Notas para uma etnografia sobre o Straight Edge

“Mens sana in corpore sano”¹

O objetivo que abordo em minha monografia é a análise da cena *Straight Edge* de Brasília e seu impacto na construção subjetiva do processo saúde-doença. Para tanto, realizei uma etnografia urbana tendo como informantes os participantes desse movimento cultural.

Além disso tive como objetivos específicos: compreender o impacto do pertencimento a uma tribo urbana na subjetivação dos indivíduos; compreender a produção de significado através do consumo consciente, contra as práticas guiadas pelo consumismo; compreender a relação entre *clean living* e engajamento social; compreender o processo de construção do sentimento de identificação e pertencimento a uma tribo urbana; analisar a importância da repetição do ritual para unidade do grupo e, por fim, compreender o processo de corporificação dos *core values* da tribo analisada em seus participantes.

Para este estudo utilizei-me das duas ciências nas quais tenho uma formação híbrida: a psicologia e a antropologia.

O diálogo entre duas ciências estabelecidas é, de certa forma, visto como uma forma de expandir a análise de um determinado fenômeno que se situa entre as duas ciências. Dessa forma, busquei através do método etnográfico propiciar à psicologia uma forma de coleta de dados investigação de campo e análise que possa contribuir significativamente para a compreensão do processo saúde-doença através de um estranhamento.

Assim, como no método etnográfico, este diálogo entre dois campos da ciência age como no *blues*, onde a constante repetição das frases aumenta a força da melodia (DA MATTA, 1981), podemos compreender também a improvisação e a união de diversas vozes presentes no *blues* como uma técnica que fortifica a melodia. O diálogo entre dois campos da ciência (união de vozes) tende a fortificar as duas, pois cada uma tem uma forma de analisar o mesmo objeto.

Outra faceta do *blues* que pode ser transposta para o método etnográfico é a questão da tristeza, estar longe daqueles que ama, que é concebida como algo que faz parte do próprio método,

1 Do latim: Mente sã num corpo sã.

quase um rito de passagem (DA MATTA, 1981). Contudo esse *blues* nas etnografias de tribos urbanas, pode se distorcer² e formar de certa forma um *Anthropological Rock*, como no caso da etnografia de Bittencourt (2011) sobre os *Straight Edges* de São Paulo. Este autor deslocou o conceito de *Antropological Blues* para *Anthropological Rock* de forma a transmitir a alegria encontrada em campo.

Essa distorção do conceito para *Anthropological Rock* não pode se resumir somente a uma mudança de tristeza (*blues*) para a alegria (*rock*). O autor durante sua etnografia utiliza de sua própria experiência seu contato com o *rock* e especificamente com o movimento *Straight Edge* para situar a experiência de uma etnografia preenchida pelo sentimento que se transmite pelo *rock*: um sentimento rápido e enérgico. Em específico sobre o movimento *Straight Edge* é importante salientar a presença não apenas da alegria mas do desejo de agir positivamente no mundo, sentimento de pertencimento, irmandade e comprometimento com o grupo.

Aqui pretende-se fazer uma análise sobre a influência da postura *hardcore* no *Straight Edge* e nas significações (GONZÁLES REY, 2005) de seus membros. O movimento surge em meados dos anos 80 como uma forma de resistência ao “*no future*” presente no *punk rock*. No movimento *Straight Edge* o *hardcore* (vertente do *punk rock*) ganha bastante projeção. Este estilo de música apresenta-se pregando certas atitudes que muitas vezes estavam ausentes no *punk rock* como camaradagem, sinceridade e desenvolvimento de suas potencialidades (HAENFLER, 2006).

O *Straight Edge* enquanto movimento vai na contramão do *no future* apresentando-se como um movimento que preza pelo desenvolvimento pessoal, engajamento social e por práticas ascéticas de forma a alcançar uma maior consciência de seus atos. para então agir no mundo, transformando-o (HAENFLER, 2006). Assim para uma etnografia que visa investigar como é vivenciado o processo saúde-doença no contexto *Straight Edge*, compreender como se configura uma vivência *hardcore* é de suma importância. Se por um lado Da Matta (1981) aponta para a tristeza encontrada em campo devido a distância do que se ama e Bittencourt (2011) aponta para a alegria provocada pelo rock, proponho uma compreensão da postura *hardcore*, característica dos *Straight Edges* é único.

Para tanto, convido o leitor a uma rápida análise de um ritual presente da cena *Straight Edge*: o mosh, de forma a apresentar um pouco a sensação *hardcore* que presenciei em minha observação participante. Esse estilo de dança está presente também na cena *punk* e *heavy metal*,

2 Distorcer aqui tem um sentido único, um sentido muito característico para quem transita no meio do *rock*, distorcer aqui faz menção especificamente ao ato de distorção do som da guitarra produzido através da pedaleira, gerando sons até então desconhecidos no meio musical.

3 Segundo Mantese (2005) *no future* representa a postura negativa do movimento *punk* frente a sociedade, para eles a sociedade não tinha mais conserto e provavelmente ela logo acabaria devido a guerra nuclear.

contudo de forma diferente (HAENFLER, 2006). A prática do *mosh* evoluiu do *pogo*⁴ subvertida pelo que podemos chamar de conduta *hardcore* presente dentro do *sXe*⁵ que tem como um dos *core values*⁶ a busca por ações positivas:

They have a more favorable attitude toward circle-pits, as many have roots in the punk scene, though a hardcore show is generally much more intense than a typical punk show. Hardcore includes an exhibitionist element that slamming and moshing do not. The center of the dance floor remains relatively open, allowing a few individuals at a time take the floor, demonstrate their skills, and exit, permitting the next group to participate. (Breakdancing in hip-hop scenes follow similar patterns of “exhibition dancing”). Meanwhile, other kids crawl over one and other to scream along with the singer. As the band approaches a song's bridge, called a “breakdown” in hardcore music, the kids wait in anticipation. Hardcore bands, particularly those with a heavy metal influence such as Unearth, put slow, crunching riffs in the bridge. The kids reserve their most outstanding dance movements for the breakdown, windmilling, floor punching, and kung-fu kicking their way from one side of the pit to other. Others practice “head walking”, stepping on the heads and shoulders of their fellows as they carve a precarious path to the stage. (HAENFLER, 2006 p. 20).

O *mosh* contudo não difere dos outros tipos de dança presentes no *punk rock* apenas pelo exibicionismo contido nele, ele carrega uma certa sensação de *brotherhood*⁷. Inicialmente para um observador incauto o *mosh* assemelha-se bastante com uma “roda *punk*” comumente presente em shows de *punk rock* e *heavy metal* no país. Contudo, ele é muito mais do que apenas uma dança “violenta” e sem propósito. Como um ritual, ele possui uma função para a unidade do grupo:

Um dos aspectos particularmente marcante dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é , propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo.(MAFFESOLI, 1998, p. 25)

Dessa forma é preciso certificar-se de que este ritual, exaustivamente repetido em todo o mundo por *edgers*⁸ significa para eles, visto que já definiu-se a atitude *hardcore* como contendo para eles os *core values* do movimento. O *mosh* é um ritual que ajuda os participantes a transcender-se corporalmente, isto é, sair de si em uma espécie de ascese, através da liberação da violência de maneira controlada e ao mesmo tempo unir cada participante ao grupo.

An uninitiated observer might have difficulty telling the difference between hardcore dancing and fighting. While it may be difficult for outsiders to comprehend how a hardcore show could possibly be fun, participants generally have a fantastic time, despite the bumps and bruises they carry home with them. In fact, the occasional shiner, fat lip, or bruised shin usually makes for a good story and serves as a badge of honor: ' I survived the insanity of the mosh pit!' Moshers describe the experience as a safe, relatively harmless 'release' of emotion, aggression, and

4 Estilo de dança presente no *punk rock* onde as pessoas pulam sem sair do lugar.

5 Abreviação de *Straight Edge* (HAENFLER, 2006).

6 Valores centrais no *Straight Edge*: auto atualização, rejeição do álcool, cigarro e demais drogas em prol de consciência para transformar o mundo em um lugar melhor e por fim a abstinência de sexo casual, praticando o sexo apenas com pessoas com quem há um vínculo afetivo (HAENFLER, 2006).

7 Irmandade, fraternidade que denota a união dos membros devido seu compartilhamento dos *core values* do *Straight Edge*.

8 Pessoa que participa da cena *Straight Edge*.

frustration. Though outsiders may view moshing as violent, dangerous, or antisocial, for insiders it is a fun, communal, and essential element of what sets hardcore apart from other musical genres. (HAENFLER, 2006 p. 20)

Outra dimensão importante presente no *mosh* é a corporificação da individualidade. A partir da “apresentação” de seus próprios passos de dança no centro da roda durante um show, o que está em jogo é mais do que simplesmente um exibicionismo, é uma diferenciação pautada em sua própria performance corporal. Como argumenta Ortega (2003), como nas modernas práticas de bioascese⁹ há uma busca pela exteriorização de individualidade através da criação de bioidentidades¹⁰ baseadas em práticas como o *bodybuilding*, tatuagem, piercing e etc. Contudo, no caso do *Straight Edge* há mais do que uma bioascese, conforme tentarei definir nos capítulos posteriores.

As formas de biosociabilidade e bioascese são uma peça fundamental no processo de desmontagem da cultura íntima e de somatização e exteriorização da subjetividade. Com as bioasceses, a distinção entre corpo e o self perdeu sua relevância. Mediante as atividades de fitness o psiquismo é externado, os indivíduos são somatizados. Nesse sentido devemos compreender as atividades de *bodybuilding*, as tatuagens, piercings, transplantes, próteses, clonagem, e até mesmo a última moda das amputações corporais (*body modifications*), como esforços de dar uma marca pessoal, uma configuração própria e individual ao corpo, uma singularidade que se define mais corporalmente do que psiquicamente. (ORTEGA, 2003 p. 62)

Ressalto que não considero que as práticas presentes no *Straight Edge* se encerrem simplesmente em práticas de biosociabilidade e bioascese e exteriorização da subjetividade. O *mosh* então pode ser visto como um ritual que propicia a unidade do grupo e também dá espaço para o indivíduo exercer sua subjetividade. Haenfler (2006) coloca que nesse exibicionismo existente no *mosh* há uma escolha premeditada do momento em que podem demonstrar toda sua performance e controle corporal: o *breakdown*, para o qual, segundo o autor, os participantes guardam seus melhores “passos” de dança. Há, como Haenfler (2006) mostra, um aspecto de transcendência no *mosh*, na medida em que o indivíduo pode liberar seus sentimentos através da expressão corporal, deixando se ser parte da massa para por alguns momentos ser evidenciado, apenas aquele que pulou, correu e “lutou” sabe qual é a sensação de exteriorizar tudo o que sente naquele momento.

Há claramente uma escolha por trás dos passos a serem demonstrados em momentos específicos do show onde há a atenção sobre aquele indivíduo que está no centro da roda. Verifico antes de tudo uma necessidade de diferenciar-se da massa, uma exteriorização de sua individualidade, desde aquele que realiza chutes de *kung fu* até aquele que traz para a roda do *mosh* sua história pregressa de ligação com o movimento negro brasileiro ao realizar um gingado de capoeira seguido de um chute característico.

9 Ascese através de práticas corporais como tatuagem, piercing, *bodybuilding* e a nova onda *fitness* (ORTEGA, 2003)

10 Identidades somáticas: “as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista e intimista de construção e descrição de si.”(ORTEGA, 2003, p. 60)

Assim, a partir desta pequena análise sobre o que significa o *hardcore* pretendi evidenciar não somente a alegria, mas a busca por ações positivas, fraternidade e unicidade presente no movimento, fatores que são cruciais para a construção que os membros fazem do processo saúde-doença. Para tanto, conto com minha própria identidade de pesquisador *halfie*¹¹ para decodificar a cultura desta subcultura.

11 O posicionamento *halfie* aponta para um pesquisador que possui um pé no grupo o qual pesquisa e outro na academia (ABBU-LUGHOD, 1985)

Capítulo I

Antropologia Halfie: Compreendendo um grupo urbano de dentro para fora

Neste trabalho, utilizei-me de uma perspectiva *halfie*, conforme explicitado na introdução. Esta perspectiva não foi escolhida a esmo, trata-se mais do que simplesmente fundamentar uma etnografia realizada por um nativo. Aqui entra em jogo uma reflexão diferenciada: se tradicionalmente na etnografia os pesquisadores se debruçam sobre grupos “estranhos” a eles, aqui propus uma reflexão de dentro do grupo, uma oportunidade única de um membro do grupo sistematizar e investigar algumas práticas do grupo. Esse exercício de “estranhar o familiar” (VELHO, 1978) é algo muito caro à perspectiva antropológica, particularmente às pesquisas de antropologia urbana. Creio que pode oferecer um outro olhar na compreensão da construção subjetiva do processo saúde-doença de um grupo ainda pouco estudado.

Em uma perspectiva “*halfie*” ou de “antropólogo nativo”, é preciso que primeiro seja questionada a dicotomia entre nativo e antropólogo (entre objeto e observador, entre ocidente e campo) (YUJI, 2006). Assim posso compreender o termo nativo como relativo e apenas sustentado pela relação nativo-antropólogo. Esse posicionamento *halfie* implica uma maior consciência do problema da representação do outro, além da parcialidade do conhecimento (ABU-LUGHOD, 1985). Essa consciência da parcialidade da construção de conhecimento rompe com a ideia de ciência neutra e expõe a figura do pesquisador no centro da construção do conhecimento.

Meu posicionamento como etnógrafo *halfie* gera implicações metodológicas importantes para a pesquisa que se liga ao papel da antropologia durante o século passado. Ao longo da história da antropologia, os antropólogos; observavam e descreviam os grupos minoritários. Isso de certa forma serviu durante muito tempo ao imperialismo. Por exemplo, as grandes pesquisas realizadas pelos antropólogos africanistas como EVANS-PRITCHARD (1978/2007) que, ao investigar os Nuer, tinha uma relação direta com o governo do Sudão (que encomendara a pesquisa) devido ao conflito entre os Nuer e o governo.

Castro (2002), ao teorizar sobre a relação entre nativo e antropólogo, apresentou a ideia de que o nativo seria relativo, isto é, o discurso do antropólogo deve manter uma relação com o discurso do nativo, um discurso que para o autor é assimétrico, pois o antropólogo tem o poder de dar forma à matéria do discurso do nativo. Para além de simplesmente interpretar e traduzir o discurso do nativo, o antropólogo mantém uma relação de sentido com o nativo.

O "antropólogo" é alguém que discorre sobre o discurso de um "nativo". O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o "observador") estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o "observado"). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos. (CASTRO, 2002 p. 113-114)

Adotando um posicionamento *halfie*, é necessário que se reconheça que a relação que o indivíduo (seja nativo ou antropólogo) mantém com sua própria cultura não é algo geral. Ou seja, por mais que o nativo e o etnógrafo participem da mesma cultura há divergências na relação com a cultura (CASTRO, 2002). A partir dessa noção, há de se compreender que uma etnografia *halfie* apresentará divergências de pensamentos e vivência da cultura, pois os indivíduos se relacionam de diferentes formas com a cultura.

Neste sentido, é necessário um cuidado especial com o discurso produzido sobre determinado grupo. Por mais que faça parte do grupo o qual investigo, meu discurso deterá a função de produtor de sentido sobre o grupo investigado, sob uma ótica científica. É necessário portanto um pensamento crítico de modo a construir um espaço para que o nativo mostre como é sua relação com a cultura observada. Com isso, quero dizer que é importante não deixar que minha identidade como cientista direcione a fala dos entrevistados, conforme argumenta Castro (2002):

O antropólogo tem usualmente uma vantagem epistemológica sobre o nativo. O discurso do primeiro não se acha situado no mesmo plano que o discurso do segundo: o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido - ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido. A matriz relacional do discurso antropológico é hilemórfica: o sentido do antropólogo é forma; o do nativo, matéria. O discurso do nativo não detém o sentido de seu próprio sentido. De fato, como diria Geertz, somos todos nativos; mas de direito, uns sempre são mais nativos que outros. (CASTRO, 2002 p. 115).

O discurso científico pode de certa forma interferir na investigação na medida em que o etnógrafo, ou no meu caso psicólogo, se prende nas categorias descritas na literatura e constrói um estereótipo do sujeito que será analisado em campo.

Ele sabe demais sobre o nativo desde antes do início da partida; ele predefine e circunscreve os mundos possíveis expressos por esse outrem; a alteridade de outrem foi radicalmente separada de sua capacidade de alteração. O autêntico animista é o antropólogo, e a observação participante é a verdadeira (ou seja, falsa) participação primitiva. (CASTRO, 2002 p. 117)

Assim, em uma etnografia *halfie* é importante salientar a necessidade de um exercício crítico ao utilizar a literatura científica, não se apegar demais às convenções antropológicas sobre o objeto (CASTRO, 2002 ; BARTH 1989/2000), no intuito de discernir o que de fato corresponde à

realidade e fazer um exercício de estranhamento do que é familiar (VELHO, 1978).

Desta forma quero dizer que em uma análise crítica não devemos nos apegar aos conceitos ferrenhamente pois eles não definem exatamente o que os nativos pensam. Isto é, as ideias dos nativos não correspondem aos conceitos científicos que tem como meta uma reflexão e teorização sobre o mundo (i)material, como argumenta Castro (2002), até porque os nativos não precisaram pensar criticamente sobre suas culturas cientificamente.

Para tal afirmação, me alio à descrição que Castro (2002) faz de conceito:

E um conceito é uma relação complexa entre concepções, um agenciamento de intuições pré-conceituais; no caso da antropologia, as concepções em relação incluem, antes de mais nada, as do antropólogo e as do nativo — relação de relações. Os conceitos nativos são os conceitos do antropólogo. Por hipótese. (CASTRO, 2002 p. 128)

A partir dessa ideia de relações entre relações, creio que seja importante conceber que o produto científico de uma etnografia seria o resultado dessas relações mantidas entre investigador e nativo. Velho (1978) aponta para a influência da subjetividade do pesquisador na hora de “traduzir” o sistema nativo.

Desta forma, o estudo etnográfico não se resume um simples tradução dos conceitos nativos para nosso sistema simbólico. Há uma necessidade de estudar e compreender os conceitos nativos pois eles falam sobre a concepção daquela cultura. Castro (2002) ao discorrer sobre a importância da compreensão da lógica nativa de suas práticas expõe a importância de compreender sobre o que fala a prática de determinados nativos em afirmar que um determinado tipo de porco (pecari) é humano:

A estreiteza intelectual que ronda a antropologia, em casos como esse, consiste na redução das noções de pecari e de humano exclusivamente a variáveis independentes de uma proposição, quando elas devem ser vistas — se queremos levar os índios a sério — como variações inseparáveis de um conceito. Dizer que os pecaris são humanos, como já observei, não é dizer algo apenas sobre os pecaris, como se ‘humano’ fosse um predicado passivo e pacífico (por exemplo, o gênero em que se inclui a espécie pecari); tampouco é dar uma simples definição verbal de ‘pecari’, do tipo “‘surubim’ é (o nome de) um peixe”. Dizer que os pecaris são humanos é dizer algo sobre os pecaris e sobre os humanos, é dizer algo sobre o que pode ser o humano: se os pecaris têm a humanidade em potência, então os humanos teriam, talvez, uma potência-pecari? Com efeito, se os pecaris podem ser concebidos como humanos, então deve ser possível conceber os humanos como pecaris: o que é ser humano, quando se é ‘pecari’, e o que é ser pecari, quando se é ‘humano’? (CASTRO, 2002 p. 135)

Apesar de Castro (2002) se focar em uma análise estruturalista sobre a cultura ameríndia acho plausível extrair de seu argumento a necessidade de se compreender a lógica das práticas para o grupo.

Minha investigação etnográfica não é apenas um exercício de falar de dentro do grupo do qual se analisa, mas um exercício de compreender sobre o que e de que forma as categorias nativas falam, seja sobre posicionamento político, saúde, identidade ou qualquer outro assunto. Desta forma

não pretendo simplesmente traduzir para a linguagem científica as práticas do grupo, mas para além disso esmiuçar seu significado.

A investigação a partir de um posicionamento de nativo antropólogo, ou pesquisador *halfie*, implica neste exercício de iluminar de forma reversa o “centro duro” das ideologias do grupo (YUJI, 2006). Da Matta (1981) retoma o ofício do etnólogo como um pêndulo entre: a) transformar o exótico em familiar e b) transformar o familiar em exótico, um exercício de estranhamento. Inicialmente o etnólogo deve objetivar, inventariar e decodificar o exótico (cultura analisada por ele) em sistemas compreensíveis para aqueles pertencentes à cultura dele e em seguida ao retornar ele deve realizar um “auto-exorcismo” buscando objetivar, inventariar e decodificar sua própria cultura. Diferente da perspectiva apresentada por Da Matta, meu estudo não se foca sobre uma cultura exótica, o que há é uma tensão entre o duplo pertencimento do pesquisador: um pé na academia e outro pé no grupo. O foco aqui é transformar o familiar em exótico, na medida em que tento analisar as práticas nas quais estou imerso com a teoria antropológica, sistematizando e problematizando aquilo que para mim parece “natural”.

Atualmente, não é necessário mais se deslocar através dos mares para se fazer um estudo etnográfico. O estranhamento não necessariamente é passível apenas do encontro com uma sociedade isolada e longínqua, a barreira cultural que produz o estranhamento, sabe-se hoje, não advém apenas da distância física mas da distância psicológica, isto é, o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes (VELHO, 1978). Dessa forma o mergulho no familiar, através da etnografia, pode nos proporcionar tanto estranhamento quanto o contato com uma cultura de uma sociedade isolada.

Em uma perspectiva *halfie*, não estarei apenas iluminando de forma reversa o grupo mas terei a chance de estranhar o familiar, na medida em que cada indivíduo vive de forma subjetiva os *core values* do grupo pois há uma diversidade de identidades possíveis dentro do grupo. E diferentemente de meus pares irei submeter o grupo um escrutínio antropológico. Além do aprofundamento no que constitui subjetivamente essa distância psicológica entre indivíduos da mesma cultura ou, no caso, tribo urbana, há a possibilidade de identificar os mecanismos conscientes e inconscientes da cultura em pauta. "As analogias com a psicanálise, embora um tanto perigosas, são óbvias. Trata-se, afinal de contas, de uma tentativa de identificar mecanismos conscientes e inconscientes que sustentam e dão continuidade a determinadas relações e situações" (VELHO, 1978 p. 7).

Afinal, se na psicologia (a partir das contribuições da psicanálise) nosso trabalho se foca em

tornar conscientes os mecanismos inconscientes da ação humana, por outro lado a etnografia faz isso com um sistema cultural. Da mesma forma que pessoas de uma cultura ou grupo têm para a psicologia uma “individualidade” pautada em sua subjetividade isso pode ser transposto para a cultura, isto é, dentro do *straight edge* cada um introjeta e vive a cultura a partir de sua própria subjetividade e relações dentro do grupo.

HAENFLER (2006), em seu estudo fez um pequeno catálogo de estereótipos presentes no *straight edge*, o que aponta para diferentes formas de viver os *core values* do movimento e que apresentam em determinados momentos uma ambiguidade entre si, mostrando que uma cultura não é de todo homogênea e coerente (BARTH, 1989/2000).

Outro ponto a ser explorado quanto à identidade de uma etnografia *halfie* é a crítica quanto ao envolvimento com o objeto, pautada principalmente na noção de objetividade e neutralidade do conhecimento. Na psicologia encontramos diversas abordagens psicoterápicas, cada qual combatendo com seu referencial teórico por um espaço na academia. Cada uma se volta para determinada característica: seja através do estudo das estruturas inconscientes, comportamento publicamente observável ou uma noção humanista sobre o ser humano. Ao analisarmos os fundadores das correntes de pensamento na psicologia podemos apenas dizer que houve um feliz encontro entre a personalidade do fundador e dados empíricos que permitiram a construção das correntes? Algo semelhante ocorre na antropologia e talvez possa servir para ajudar a explicitar a relação entre pesquisador e objeto:

Isto mostra não a feliz coincidência ou a mágica do encontro entre pesquisador e objeto que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão de subjetividade envolvidos neste tipo de trabalho. A "realidade" (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada, Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. (VELHO, 1978 p. 8-9).

Ainda quanto a neutralidade e fidedignidade do conhecimento gerado através de grupos familiares ao pesquisador, a psicologia se fundamenta na análise de um indivíduo muito bem delimitado e familiar, o indivíduo moderno advindo das revoluções burguesas. Mesmo focando-se no estudo da psiquê de um indivíduo familiar, isto não retira a fidedignidade do conhecimento psicológico. Devido a essa proximidade entre pesquisador e indivíduo na psicanálise, foram possíveis críticas e o desenvolvimento das teorias freudianas, como por exemplo as contribuições de Jung ou mesmo a “atualização” Lacaniana. "Este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros." (VELHO, 1978. p-9)

Há em um estudo etnográfico do familiar também uma dimensão importante do ponto de vista epistemológico. Em etnografias tradicionais como a de Evans-Pritchard, após concluída a etnografia, o nativo não interpelou o autor sobre seu trabalho. Um estudo sobre coisas familiares tem mais liberdade para confrontos de ideias, pessoas podem discordar dos estudos, assim forçando o etnólogo a rever sua interpretação, coisa que dificilmente ocorreria no estudo de campo em tribos "exóticas" (VELHO, 1978).

Além disso, essa decodificação de um sistema cultural para algo inteligível para a cultura ocidental mostrou-se durante o século passado guiada pelos interesses de grandes nações como o Reino Unido no caso dos antropólogos africanistas ou os EUA no de estudos de caráter nacional como a obra *O Crisântemo e a Espada* de Ruth Benedict (1934) que reconstrói a cultura japonesa, em plena Segunda Guerra Mundial, através de entrevistas e a análise de filmes.

Abu-Lughod (1985), por exemplo em sua etnografia *Veiled Sentiments - Honor and Poetry in a bedouin society*, expressa sua preocupação em desvendar um sistema social que é conhecido por ela, e ainda explicar as práticas como o casamento entre primos (consideradas abomináveis pelos observadores de fora da sociedade Árabe). Essa perspectiva transforma a antropologia *halfie* em um processo político dando voz ao nativo ao invés de uma coleção de descrições de “culturas exóticas”.

Esmiuçando o familiar: Teorizações a respeito da cultura *Straight Edge*

É importante ressaltar a forma como é enxergado o movimento *Straight Edge* em meu trabalho. Para o estudo desta tribo urbana, levarei em conta o que MAFFESOLI (1998) denominou na relação entre desindividualização e a filiação à tribo ou comunidade emocional. *Pretendo comparar a bioascese e sua importância na definição de uma bioidentidade presente no mainstream com as práticas de resistência presentes no Straight Edge: os core values, a tatuagem como laço social e a dieta vegan em contraste com a diétética da bioascese.*

Proponho aqui então um deslocamento do conceito de indivíduo, visto pelo autor como uma categoria a priori que não mais serve para explicar a realidade observada. Irei então utilizar o conceito de *persona*: “...máscara que pode ser mutável e que integra sobretudo numa variedade de cenas, de situações que só valem porque representadas em conjunto” (MAFFESOLI 1998, p. 15). Um conceito caro para mim porque articula-se perfeitamente com a questão da identidade pensada na pós-modernidade.

O indivíduo, como concepção de pessoa característica da modernidade, é importante citar,

nasce como resultado de todo um processo histórico de construção de uma intimidade a partir da queda do antigo regime:

Philippe Ariès (1997) indica que, no que concerne às mudanças na vida privada, o período compreendido entre o fim da Idade Média e o século XIX representa a passagem de uma sociedade na qual o indivíduo se encontrava imerso em uma rede de solidariedades coletivas, feudais e comunitárias, em um mundo sem distinção entre público e privado, para uma sociedade que separa público e privado e na qual a família monopoliza a esfera privada. Ou seja, seria a passagem de uma sociabilidade anônima, que permitia uma certa promiscuidade na rua, na praça, na comunidade, para uma identificada com a família. Em outras palavras, representa a mudança de uma sociabilidade e uma convivência anônima e pública para uma sociabilidade na qual a qualidade pública praticamente desaparecera. (ORTEGA, 2003 p. 60-61)

Compreendo a identidade não como uma instância concreta mas constituída nas relações, existindo um posicionamento social esperado para cada *persona*. Esse posicionamento segundo Kelly (2005) se dá através dos marcadores identitários, entre eles etnia, gênero e opção sexual entre tantos outros. Através dos marcadores possuídos pela *persona* são apresentados os papéis¹² que ela pode desempenhar em sua relação com o outro.

Na análise individualista, característica de boa parte da psicologia em suas formas clássicas, uma análise onde o indivíduo era o centro das observações e objeto, era necessário ressaltar as diferenças para delimitar os indivíduos na coletividade. Contudo, na análise que faço de um pequeno grupo existente dentro da sociedade, minha análise terá como foco aquilo que é compartilhado.

A ênfase incide, então, muito mais sobre o que une do que sobre o que separa. Não se trata mais da história que construo, contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo. Podem existir heróis, santos, figura emblemáticas, mas eles são, de certa maneira tipos-ideais “formas” vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com outros. Dionísio, D. Juan, o santo cristão ou o herói grego, poderíamos desfiar infinitamente as figuras míticas, os tipos sociais que permitem uma estética comum e que servem de receptáculo à expressão do “nós”. A multiplicidade, em tal ou qual emblema, favorece infalivelmente a emergência de um forte sentimento coletivo (MAFFESOLI, 1998, p. 15).

Compreendemos então que, no lugar do indivíduo há a criação de um sujeito coletivo que dá suporte aos membros da tribo, esse sujeito coletivo é nomeado “neotribalismo” por MAFFESOLI (1998). Há então uma série de ideias que são compartilhadas e geram o sentimento de pertencimento.

Os *Straight Edges*, a tribo em específico a ser aqui analisada difere das outras, pois nela há uma busca pela consciência advinda da negação das drogas e da promoção de atividades saudáveis. Segundo Tangerino (2010), há no próprio nome da tribo a ideia implícita de suas práticas “ascéticas”. O próprio nome que denomina o grupo explicita em uma tradução literal alguns de seus

12 Os papéis em nossa análise serão os comportamentos esperados para indivíduos portadores de determinados traços de identidade (gênero, sexo entre outros) em determinadas ocasiões, por exemplo como espera-se que uma mulher solteira se comporte frente a um flerte de um desconhecido. (KELLY 2005).

core values: em uma tradução literal, *Edge* é o fio de uma lâmina, uma fronteira ou borda. Mais do que caminho reto, seria algo como fio ou limite reto. O termo *Straight* remete a reto, direito, correto, respeitável, convencional e também hétero.

Essa postura sóbria vai de encontro à prática autodestrutiva da cena *punk rock*, cujos membros acreditavam que não adiantava lutar mais para modificar a sociedade. O *Straight Edge* surge então com uma proposta de agência e resistência positiva e ativa para a modificação da sociedade (TANGERINO 2010).

A conduta em busca da autoconsciência, de forma a observar melhor o seu meio para depois produzir resultados positivos nele, advém exatamente das práticas ascéticas de negação às drogas (lícitas e ilícitas), posteriormente há uma incorporação de restrições alimentares também como forma de consciência (TANGERINO, 2010; HAENFLER, 2006). É necessário também recorrer à influência protestante para compreender a formação desse braço do *punk rock*.

Concebo então a conduta *Straight Edge* como um constante “cuidado de si”. Onde a observação diária de suas práticas conduz (segundo a crença dos membros) a uma maior consciência de si e consequentemente a um autoconhecimento que é expresso nas letras de bandas famosas no meio: “*I don't smoke/don't drink/don't fuck/at least I can fucking think/I can't keep up/I can't keep up/I can't keep up/ out of step with the world*” (“*MINOR THREAT*” – *Out of step*). Aqui percebo claramente a esperança de através da conduta *Straight Edge*, obter uma maior sintonia com o mundo.

É importante então apresentar o exercício político desse tipo de conduta. Na medida em que a *persona* vigia seu impacto no mundo, há claramente uma preocupação política sobre as consequências de seus atos no mundo. Essa mobilização política é de extrema importância para compreendermos como o conceito de saúde-doença extrapola o conceito biomédico e transfere para o indivíduo uma posição ativa na obtenção e manutenção de sua saúde através do autoconhecimento. Para Foucault (1982) há uma relação direta entre a técnica de si e o autoconhecimento.

Compreendo que as técnicas do movimento *Straight Edge* mantém um laço com a tradição conservadora protestante. Como cita Tangerino (2010), o discurso conservador norte americano foi absorvido no movimento o que orientou toda a construção da “regras” implícitas na conduta *Straight Edge*.

Retomando toda a tradição cristã e sua relação com as práticas ascéticas, compreendo-as como uma busca do indivíduo de uma maior consciência. No caso cristão, trata-se de uma busca pela percepção além do mundo material em direção ao plano espiritual através da purificação da

alma pelo ascetismo (FOUCAULT, 1982) e no caso do movimento *Straight Edge* de uma consciência política que permita ao indivíduo discernir e agir corretamente para gerar uma mudança efetiva na sociedade.

Na prática cristã, o ascetismo é sempre semelhante a uma certa forma de renúncia a si mesmo e à realidade, o si fazendo parte dessa realidade à qual se deve renunciar para acessar um outro nível de realidade. É esse movimento para alcançar a renúncia a si mesmo que distingue o ascetismo cristão. (FOUCAULT, 1982, p. 12)

Podemos relacionar essas práticas ascéticas também com a negação do indivíduo em prol do indivíduo coletivo, apresentado por MAFFESOLI (1998) na medida em que a *persona* se constitui na relação entre os indivíduos. Isto é, no caso do movimento *Straight Edge*, um membro do grupo é “aceito” pelos outros na medida em que apresenta esse posicionamento ascético, especificamente, e a abstenção de drogas lícitas e ilícitas, que deve permear sua conduta. Nessa relação, há um cuidado de si que se cristaliza na base dos *core values* do movimento a fim de promover a tomada de consciência.

Segundo a análise das técnicas de si de Michel Foucault (1982), na ascese há uma vigilância constante de si atrelada ao conhecimento sobre si. Nessa concepção, o conhecimento de si também ganha uma dimensão relacionada com a consciência.

No *Straight Edge*, essa consciência não é vista como uma forma de percepção além do mundo material, e sim com o intuito de manter-se “puro”- mais uma vez retornamos ao *clean living* e à ética protestante – e certa regulação de conduta a fim de evitar o adoecimento que decorreria de práticas autodestrutivas, visa-se então através da consciência crítica sobre seus atos realizar escolhas certas.

Para mim, neste trabalho se torna importante estabelecer pontes entre saúde física e saúde mental advindas do conhece-te a ti mesmo, invocando a consciência como finalidade das práticas ascéticas como a interdição às drogas e a interdição alimentar. Para os gregos, o ascetismo favorecia tanto a saúde física quanto mental, todavia havia uma finalidade política, pois apenas após o auto conhecimento podia-se influenciar o outro (FOUCAULT, 1982). No movimento *Straight Edge*, o centro duro de ideias desenvolve-se nas técnicas de si de forma a propiciar a consciência e a agência positiva em seu meio.

Estas técnicas de si são o tripé inicial do *Straight Edge*: A abstenção de sexo casual (sexo fora de *care relationships*¹³), abstenção do álcool e abstenção do tabaco ou qualquer outra droga (lícita ou ilícita) em confronto com as práticas inspiradas pelo *no future* da cena punk. Como

13 “sXers see abstinence from promiscuous sex as a powerful form of resistance. Rejecting the casualness of many youth sexual encounters, they believe that sexual relationships entail much more than physical pleasure. They are particularly critical of the image of the predatory, insatiable male, searching for sex wherever he can get it.” (HAENFLER, 2006 p. 43)

mencionado anteriormente, estas técnicas são muito influenciadas pelo discurso da *War* de Nancy Reagan.

A partir de uma análise crítica, qualifico os *core values* como bastante ligados ao corpo. Todavia esse controle sobre o corpo difere da bioascese na medida em que há um fim a ser alcançado, como para os gregos, diferente da bioascese onde o objetivo é apenas o controle do corpo (ORTEGA, 2003). O *bodybuilding* e o discurso *fitness* diferem da antiga ascese pois tem como foco o controle do corpo, seja por dietas, treinamento de hipertrofia muscular, intervenções cirurgias estéticas e etc em busca de uma exteriorização da subjetividade daquele indivíduo (bioidentidade).

As formas de subjetividade visadas pela ascese podem diferir ou não das identidades prescritas social, cultural e politicamente. Enquanto que nas ascetes da Antiguidade, o self almejado pelas práticas de si representava frequentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas de bioascese, como veremos, uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito. (ORTEGA, 2003 p. 63)

Neste ponto do argumento, é importante notar a ligação existente no movimento com a cena *punk*. A partir da subversão da característica niilista e autodestrutiva do *punk*, o *Straight Edge* assume uma postura de rebeldia e contestação do sistema estabelecido, porém com a busca por uma autonomia através da ascese corporal (abstinência de sexo casual, álcool, tabaco e drogas lícitas ou ilícitas). Apesar da reprodução do pensamento antidrogas presente na cultura dominante, apesar do repúdio da cultura dominante ser especificamente para as drogas ilícitas, o *Straight Edge* mantém a rebeldia do *punk* através de suas práticas de contestação: engajamento político, preocupação com o meio ambiente e sustentabilidade (manifestados atualmente por vários membros que adotaram a dieta vegetariana ou vegana).

Meu trabalho tem como proposta principal a análise da cena *Straight Edge* de Brasília e seu impacto na construção subjetiva do processo saúde-doença. Para realizar esta análise corretamente, considero importante resgatar rapidamente a trajetória da medicina social e sua influência na construção do processo saúde-doença ocidental. Desta forma poderei explicitar através da comparação com a corrente de pensamento movido por interesses de indústrias e as farmacêuticas, de suplementos e de beleza, construções de saúde minoritárias, diferenciadas e não submissas ao poder biomédico (BIZERRIL, 2010).

Para Foucault (2008), o aspecto principal da medicina social é o foco no corpo social e não no indivíduo, o que segundo ele retoma as ideias sobre saúde-doença dos gregos. Contudo, aqui há um agenciamento direto sobre o corpo dos indivíduos, impulsionado por uma lógica mercantilista. Se antes, até meados do século XX, essa ação era capitaneada pelo Estado,

agora ela é capitaneada por diversas empresas. A decisão do governo, em regular a venda de drogas lícitas (cigarro e álcool) e criminalizar a venda e consumo de drogas ilícitas coloca em questão a liberdade do indivíduo que tem então a escolha de usar ou não estas substâncias que podem levar à riscos para a saúde e dependência química devido a seu uso regular. Parece então que há um crivo moral, além de econômico e político, que define quais drogas poderão ou não ser vendidas livremente. Além disso, é importante pensar que a privatização da saúde pode levar a sociedade a debater a liberação de certas substâncias, a mercantilização da saúde, os conflitos entre interesses do governo e indústria farmacêutica e por fim a confusão entre saúde e beleza. Um dos *core values* do *Straight Edge*, a resistência, foca-se também no boicote econômico. O CD *Perspective* da banda "BY THE GRACE OF GOD" apresenta uma mensagem neste sentido para os *Straight Edgers*:

In an attempt to make our world livable, we must all educate ourselves on the products we consume. We as people have the power to refuse global powers. We as people have the power to support local economy. We as people have the buying power to end the local economy meltdown. Educate yourself, Educate your friends, Educate your community. Convenience kill towns, not companies. (HAENFLER, 2006, p. 57)

Como na banda norte-americana, a extinta banda brasileira "XLINHA DE FRENTEX" coloca em suas letras mensagens de resistência a uma sociedade corrompida¹⁴ como uma arma contra a agência (ou ausência dela) do Estado/mídia/grandes empresas na vida, saúde e moral das pessoas. "*Treating your bodies like perversion toys incorporated by the bestial ego/ Pedophilia, intoxication, bestiality, self destruction/ Bleeding hands rising against the darkness in defense of all creation and existence/ There are still those who search for purity, the path of resistance*" ("*XLINHA DE FRENTEX*" – *The Path of Resistance*).

Aqui fica patente o posicionamento do *Straight Edge* contra diversas condutas consideradas "perversas": pedofilia, intoxicação e autodestruição. Nesse trecho a banda refere-se a todas estas condutas guiadas por um ego sem pudores apenas atrás do prazer, mesmo que ele leve a uma conduta que possa causar dano a outros indivíduos.

Essa postura de "resistência" a uma sociedade corrompida coloca também em jogo a exteriorização da subjetividade dos indivíduos, previamente mencionada na análise de Ortega (2003). Os *Straight Edges* buscam através da ascese uma autonomia. Ela contrasta com o significado do controle sobre o corpo desejado na bioascece, que segundo Ortega (2003), se torna um modo de avaliar moralmente o indivíduo.

Na biossociabilidade todo um vocabulário médico-fisicalista baseado em constantes biológicas,

14 Segundo a visão *Straight Edge* a lógica capitalista ajudou a criar uma conjuntura social "corrompida". Isto é, uma situação onde os indivíduos não conseguem alcançar sua *self actualization* e são explorados diariamente. Esta perspectiva inclui os indivíduos humanos e os indivíduos animais em uma perspectiva *Vegan Straight Edge* (Uma facção do *Straight Edge* que incorpora o pensamento político *Vegan* sobre o vegetarianismo restrito: sem a utilização de qualquer substrato animal em sua dieta, vestiário e etc.)

taxas de colesterol, tônus muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação ‘quase moral’, fornecendo os critérios de avaliação individual. Ao mesmo tempo todas as atividades sociais, lúdicas, religiosas, esportivas, sexuais são resignificadas como práticas de saúde. O que alguns autores denominaram de *healthism* ou *santé-isation*, e que pode ser traduzido como a ideologia ou a moralidade da saúde, exprime essa tendência. *Healthism* é a ideologia, a forma que a medicalização adquire na biossociabilidade. (ORTEGA, 2003 p. 63-64)

Ainda que se perceba uma constante vigilância do corpo no movimento, a partir dos *core values*, como indicadora do nível de moralidade, este não é o fim desejado pelas práticas ascéticas do movimento. A partir destas práticas e do controle do corpo percebe-se a busca por uma autoconsciência. Essa postura se opõe às práticas de bioascese modernas apontadas por Ortega (2003), que acabam por se apropriar das práticas médicas para proporcionar um maior controle sobre o corpo, cuja finalidade é simplesmente a perfeição corporal.

As práticas médicas e sua intervenção no processo saúde doença, no século XIX, podem ser compreendidas como um local de agência do poder estatal e em certa medida da manifestação dos discursos dominantes daquele século, associados naquele momento à necessidade mercantilista de um aumento e manutenção da mão de obra (FOUCAULT, 1982), e atualmente em um discurso voltado para o tratamento. Entretanto, esse discurso tem se modernizado e reformulado em termos de prevenção. As práticas médicas hoje apresentam diversos discursos, entre eles um discurso que faz convergir saúde, boa aparência e juventude, representados pelo *fitness*, pelas cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos, apesar de haver o discurso da prevenção também presente.

O discurso *fitness* apresenta uma proposta de saúde aliada à beleza que em determinados momentos alia-se a alguns segmentos da medicina como a nutrologia e até ao ramo da cirurgia plástica (para corrigir “imperfeições” que não foram corridas pela prática física), o discurso encabeçado pelo *fitness* tem então como mote a busca da saúde e beleza. Fica evidente que não é uma forma de dominação do indivíduo pelo Estado, e sim uma prática adotada pelo próprio indivíduo na busca da exteriorização de sua subjetividade. O que acontece aqui é uma luta do indivíduo através das práticas bioascéticas a fim de se diferenciar da massa (Ortega, 2003). Não é possível desassociar o discurso *fitness* de uma indústria do corpo perfeito que combina cosmética, cirurgia estética, hormônios, complementos alimentares, próteses e etc (BIZERRIL, 2010). Além disso, há na medicina e suas políticas no país uma preocupação com a saúde do indivíduo que de certa forma pode também o colocar sobre o domínio de práticas de bioascese.

Meu objeto de análise é um grupo que pratica certas formas de ascese¹⁵ em busca da consciência. Não se trata da ascese como tida pelos antigos e nem da bioascese descrita por Ortega (2003), apesar de um ponto comum: da busca pelo controle do corpo.

15 Uma categoria analítica proposta por mim e não um termo nativo.

Compreendo que o bio-poder hoje não é mais uma ferramenta exclusivamente estatal. Ele é cada vez mais exercido pelo capital corporativo (BIZERRIL, 2010). Articulado principalmente pelas indústrias farmacêutica, cosmética, dietética e de *fitness*. A indústria do *fitness* vem há anos mostrando uma evolução de corpos cada vez maiores e mais musculosos, corpos com um nível de musculatura não natural. Basta comparar a musculatura de Eugene Sandow¹⁶ e do atual campeão do Arnold Classic¹⁷ Branch Warren. No documentário “*Bigger Stronger Faster: is it still cheating if everyone's doing it?*” (BELL, 2009) o autor relata sua história e a de seus irmãos com a musculação problematizando a utilização de anabolizantes para o alcance de um corpo maior e mais musculoso. Contudo, mesmo Eugene Sandow não se enquadra em um modelo natural, pois afinal, a dieta para hipertrofia não é natural de forma alguma, simplesmente comer uma dúzia de ovos ou uma dúzia de peitos de frango a fim de propiciar o ambiente anabólico favorável em conjunto com o treino de hipertrofia não é natural, mesmo que sem o uso de hormônios ou complementos alimentares.

Retorno, então, à análise dessas práticas contra as normas estabelecidas no *mainstream* (*Straight Edge core values*): *positive/clean living, lifetime commitment reserving sex for care relationships, self-actualization* (HAENFLER, 2006), que se remetem ao discurso conservador, mas se situam em um meio *punk* que antes foi pautado pelo questionamento deste discurso. Por meio de uma investigação de discursos e práticas de busca pela saúde, podemos tornar mais visível o agenciamento do capital corporativo e midiático sobre os corpos dos “indivíduos”. Apesar de seu posicionamento minoritário, os membros de uma tribo urbana não se tornam menos passíveis de serem manipulados. Como MAFFESOLI (1998) bem colocou, há um choque entre a moral abstrata e imposta (nesse caso a agência de diversos atores sejam eles empresas da indústria *fitness*, farmacêutica, cirurgia plástica ou o Estado com normas sanitárias) e uma ética fundamentada na *proxemia*¹⁸ (isto é nas relações e significações simbólicas do espaço dentro de uma tribo):

...a uma moral imposta e abstrata pretendo opor uma ética que se origina num grupo determinado, que é, fundamentalmente, empática (*Einfühlung*), proxêmica. A história pode dignificar uma moral (uma política); o espaço, por sua vez, vai favorecer uma estética e produzir uma ética. Vimos que a comunidade emocional é instável, aberta, o que pode torná-la, sob muitos aspectos, anômica com relação à moral estabelecida. Ao mesmo tempo ela não deixa de suscitar um conformismo estrito entre seus membros. Existe uma “lei do meio”, a qual é muito difícil escapar. (MAFFESOLI,

16 Nascido em 2 de abril de 1867 e falecido em 14 de outubro de 1935 é o precursor da musculação e criador do fisiculturismo como esporte. Organizou a primeira competição de fisiculturismo em 1901, em Londres onde foram avaliados o desenvolvimento muscular geral, desenvolvimento equilibrado e por fim a tonicidade muscular. SCHWARZENEGGER (1998)

17 Branch Warren Wins Arnold Classic for Second Year(notícia). Arnold Sports Festival, 04/03/2012 (data de acesso 14/04/2012). Disponível em: <http://www.arnoldsportsfestival.com/home/sports-and-events/22nd-arnold-classic.html>

18 Proxemia, para o autor, pode ser definida como uma observação da forma como o ser humano utiliza o espaço como produto da cultura (MAFFESOLI, 1998). O autor exemplifica o bairro como um “espaço público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica.” (MAFFESOLI, 1998, p. 33) Para tanto Maffesoli, se apropria do termo cunhado por Edward Hall.

Dessa forma, ao investigar como a tribo participará na construção subjetiva da relação do indivíduo com o processo saúde/doença é importante que se compreenda os rituais existentes dentro dessa tribo, pois eles são de certa forma uma manifestação do centro duro de valores existentes na tribo. Para MAFFESOLI (1998).

A prática sistemática da ascese se caracteriza então como uma prática de afirmação identitária na medida em que relembra aos membros da tribo a sua participação. Há então um sistema de retroalimentação pois o ritual torna cada vez mais forte o sentimento de pertencimento do sujeito ao grupo. O ritual então funciona como um suporte para o centro duro de ideias da tribo. Na medida em que há uma aculturação do movimento em cada país através dos rituais é possível que um *Straight Edge* se sinta pertencente à cena brasileira ou qualquer outra pois os rituais o lembram constantemente desta ligação. Os rituais são praticamente os mesmos em qualquer parte do mundo como por o exemplo o *mosh*, descrito na introdução. “O ritual exprime o retorno do mesmo. No caso através da multiplicidade dos gestos rotineiros ou quotidianos, o ritual lembra à comunidade que ela é “um corpo”. Sem a necessidade de verbalizar isto, o ritual serve de anamnese à solidariedade” (MAFFESOLI 1998, p. 25).

Sobre a questão da aculturação, utilizo uma perspectiva pautada na teoria de Franz Boas (1920/2005), onde a aculturação é compreendida como um fenômeno onde elementos estrangeiros são remodelados para que prevaleçam em seu novo ambiente. Inicialmente Boas utiliza esse termo para designar elementos de uma cultura, por exemplo práticas rituais.

Contudo, é necessário apresentar, apesar da aculturação, aspectos que são compartilhados entre a cena mundial e a brasileira, especificamente a brasiliense. Existem a priori três aspectos que ligam uma comunidade emocional, segundo MAFFESOLI (1998): a estética (o sentimento em comum), a ética (o laço coletivo) e por fim o costume (que caracteriza a vida quotidiana dos grupos).

Então, considero que nessa ética pautada na busca pela consciência e agência positiva há um fator de agrupamento, na medida em que liga cada indivíduo ao outro, dissolvendo-os e tornando-os *personas*. Na adoção de uma ética compartilhada pelo grupo há essa dissolução do indivíduo em prol de papéis apresentados a partir da ética da tribo, bem como de papéis dados pela proxemia: “...a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo.”(MAFFESOLI, 1998, p. 30)

Quanto à proxemia, observamos uma criação de cadeias de amizade. No caso do movimento *Straight Edge*, há uma tendência a uma certa receptividade aos participantes do movimento

advindos de outra cidade, estado ou até mesmo país. Essa receptividade advém em certa medida da ética compartilhada bem como dos rituais: “O que ela não deixa de fazer, em todo, é criar “cadeias” de amizade que, segundo o modelo forma das redes, analisado pela sociologia americana, permitem uma multiplicação das relações através, apenas, do jogo da proxemia: alguém me apresenta a alguém que conhece outro alguém etc...” (MAFFESOLI 1998, p. 35). Haenfler (2006) apresenta o sentimento de *brotherhood* em função da qual pode-se observar uma ligação entre *straight edgers* desconhecidos mas que se unem devido a ética comum: “*Straight Edge fosters a community of like-minded individuals which participants often frame as a brotherhood*” (HAENFLER, 2006, p. 68).

A proxemia tende junto à ética a criar uma aproximação entre os participantes da tribo, e os rituais tendem a dissolver o sujeito através do “sair de si” na medida em que prioriza o corpo coletivo nas atividades. Pretendo aqui analisar o impacto subjetivo que o pertencimento a uma tribo urbana pode causar na construção da noção dos indivíduos de saúde-doença. Para tanto, minhas análises gravitarão em torno dos *core values* do *Straight Edge* e sua relação com o biopoder detido pelo capital corporativo.

Capítulo II

Cultura Straight Edge ou culturas Straight Edges

Em cada cultura podemos observar divergências sobre ideias, dominantes e estilos de vida. A partir disso podemos compreender que a cultura não é homogênea e que há diversas divisões dentro de uma mesma cultura.

Barth (1989/2000) explicita este problema no estudo de qualquer cultura complexa. A partir deste problema a unidade da cultura entra em cheque. Assim faz-se necessário que em uma análise sobre determinada cultura uma abordagem que não busque apenas ligações entre algumas partes da cultura mas que consiga apreender toda a interação, muitas vezes contraditória, existentes na cultura.

O *Straight Edge* não foge a esse problema, pois caracteriza-se como uma (sub)cultura na medida em que insere-se na cultura ocidental. Apesar de sua luta contra o sistema estabelecido e práticas de negação em busca de uma maior consciência sobre seus atos não há um rompimento com a cultura principal, há um constante movimento de diferenciação, mas no fundo esse movimento se caracteriza como uma disputa interna e não uma cisão.

Castro (2002) argumenta que a cultura constrói-se a partir das relações, e neste caso relações conflituosas com os valores do sistema estabelecido. “Resta, ponto importante, que tais relações variam no espaço e no tempo; e se a cultura não existe fora de sua expressão relacional, então a variação relacional também é variação cultural, ou, dito de outro modo, ‘cultura’ é o nome que a antropologia dá à variação relacional.” (CASTRO, 2002 p. 120)

Podemos compreender esse movimento de divergência com relação aos valores estabelecidos não como uma expatriação da cultura principal, mas sim como um rearranjo das relações entre esse grupo e os outros indivíduos presentes na sociedade. Desta forma, o surgimento de uma nova (sub)cultura dentro da cultura ocidental se caracteriza pela criação de uma nova variação relacional.

O *Straight Edge*, ao surgir em meados dos anos 80, não é um herdeiro direto do discurso *Drug War* norte-americano, mas foi inspirado por ele no rearranjo de relações entre um pequeno grupo de *punks* em Boston, a cultura anglo saxã nos EUA e o próprio movimento *punk*. A partir desse posicionamento seminal dos membros da banda “*MINOR THREAT*”, diga-se de passagem

menores de idade proibidos de consumir bebidas alcoólicas na época, o estilo musical *hardcore* presente na cena *punk* foi utilizado para promover um novo arranjo na cultura *punk* (HAENFLER, 2006).

Inicialmente é importante notar que a rejeição ao comportamento auto-destrutivo do *punk* rock e a adoção de uma postura conservadora quanto ao sexo e uso de drogas não colocou o movimento *Straight Edge* diretamente alinhado com os discursos moralistas da sociedade norte-americana. Houve simultaneamente um releitura do discurso conservador do *Drug War* e uma assimilação da rebeldia do *punk rock*. Se o movimento não se enquadrava na cultura dominante pela rebeldia, busca de sustentabilidade e crítica social, tampouco se enquadrava na cena *punk* pautada pela autodestruição.

Recentemente em Brasília uma das bandas denominadas *Straight Edge* lançou um novo CD intitulado “Cultura da autodestruição” e junto a ele estão promovendo uma campanha intitulada “mude você primeiro” que sintetiza tudo o que esse novo rearranjo busca: uma postura crítica quanto ao consumismo, uma postura política contra o sistema dominante e uma postura conservadora em assuntos como o abuso de drogas. Além disso pode-se notar um rearranjo do *DIY*¹⁹ remodelando o protesto niilista do *punk* para ações pragmáticas e efetivas de mudança social, sem necessariamente enfrentar o sistema dominante.

Most youth subcultures claim to offer a path of resistance to the mainstream, adult, or “straight” world, and sXe is no different. As Katherine, a twenty-two-year-old working class woman from the East Coast, said, sXe is about “being yourself” in a world constantly pushing you to conform, “accepting that you're different and being different and not trying to be what everybody wants you to be and what MTV says is cool.” Straight edge is unusual among youth movements in that its members seek self-actualization and a more positive world through refusing drugs and alcohol. The group combines conservative and progressive values to create a distinct form of resistance to dominant and youth cultures, resisting and reproducing aspects of both through its core values. Early subculture research focused primarily on the style, as opposed to the substance, of youth resistance, arguing that youth movements inadvertently reinforce the mainstream society they oppose. Latter research questioned the very idea of bounded, definable subcultures.” (HAENFLER, 2006 p. 32)

Para além da reprodução do sistema dominante sob novos arranjos nas relações, é importante perceber qual a lógica do nativo em sustentar estas novas relações pois, à primeira vista, há relações contraditórias dentro da cultura *Straight Edge*.

Além dessa certa dissidência com a cultura dominante, ainda há outras pequenas fissuras: dentro da própria cultura *Straight Edge*. Haenfler (2006) aponta algumas tendências presentes

19 *DIY: Do it yourself*. Traduzido como: faça você mesmo. Uma resposta ao o *punk rock* ao “sistema” organizando eventos e shows paralelos de forma a não gerar lucro, objetivo da indústria cultural.

dentro da cena, apontando 4 principais estereótipos encontrados na cena antes de 2000 e algumas poucas novas tendências emergentes após o ano de 2000; essa extensa “fauna” é em muitos sentidos contraditória entre si. Por exemplo, há uma tendência ilustrada pelo *Metal Core*²⁰ (chamado por HAENFLER de *Victory Era*) caracterizada por uma hipermasculinização dos membros e corpos musculosos em contraposição à estética *Emo-influenced/Politically Correct*, esta última caracterizada por cabelos longos e corpos magros. Há também a tendência *Old School*, surgida no início dos anos 80 quando a cena *punk* e *hardcore* ainda não haviam se separado, foca-se em um visual tipicamente punk: cabelo curto ou raspado, algumas vezes com moicanos, jeans e camisas de bandas, bandanas e cintos com rebites (HAENFLER, 2006). Há também a tendência *Youth Crew*, utilizam um visual mais “limpo” que o *Old School* com cabelos curtos, tênis de corrida, shorts, camiseta e algumas vezes jaquetas. Tipicamente os *Straight Edges* nessa tendência são atletas, simpaticantes de uma vida saudável e com os aspectos do *clean living* (HAENFLER, 2006).

The sXe movimenta has no headquarters, holds no meetings, and keeps no membership list. There is no charter, mission statement, newsletter, or formal set of rules. The movement recognizes no leaders, collects no dues, gather few resources, and rarely challenges institutionalized politics. Yet sXers around the world agree on a set of fundamental principles of the movement and act accordingly. The core values of clean living, positive attitude, resistance to social pressures, and community transcend national boundaries (Haenfler 2001), despite sXe's complete lack of bureaucracy. (HAENFLER, 2006 p. 63)

É importante notar que apesar de serem esteticamente distintos e sustentarem ideias contrárias dentro da mesma subcultura, além de compartilharem os *core values*, estas quatro vertentes sustentam uma forte ligação com a crítica política, o que de certa forma mantém a unidade da cena através das relações. Em Brasília por exemplo um dos meus entrevistados citou sobre essa subdivisão do *Straight Edge*, como formas diferenciadas de se viver o movimento, como algo pessoal, citando por exemplo o estilo *Old School* com o emergente *Moshcore*²¹, uma tendência em Brasília.

Assim, a na medida em que levamos em consideração que as relações são sustentadas pelos *core values* é possível que aceitemos essas ideias contraditórias que são sustentados pelos estereótipos encontrados no grupo. Barth (1989/2000) aponta para a importância de que em uma análise de uma cultura levemos em consideração toda essa “colcha de retalhos” contraditória que forma uma cultura. A partir disto, é necessário que compreendamos o ator social posicionado em

20 Gênero musical nascido a partir da fusão do hardcore e metal. “Today hardcore and metal have fused into a hybrid genre often called metalcore.” (HAENFLER, 2006 p.16). “

21 *Moshcore*, também conhecido como *beatdown hardcore* ou *heavy hardcore* é um subgênero do *metalcore*. Foi criado principalmente para a “dança” no *mosh pit*, surgiu em meados dos anos 80 no nordeste dos Estados Unidos, com a maioria das bandas fazendo parte da cena “NYHC” (*New York Hardcore*). Diferente dos estilos *punks*, soando mais pesado, mas é mais “amigável”, na medida em que introduz a sensação de *brotherhood* mais do que em outros estilos derivados do *metalcore* como o *deathcore*.

uma miríade de relações, dissidências e formas diferenciadas de uma mesma cultura.

A cultura *mainstream* ou mesmo a cultura *Straight edge* conforme explicitado possui uma série de rearranjos da linha *mainstream*. Na cultura *Straight edge* encontram-se diversas novas formas de relações, seja através da presença e valorização de estereótipos hipermasculinizados ou mesmo com a presença do veganismo como forma de vegetarianismo político. Mesmo que existam outros grupos vegetarianos engajados politicamente, foi o veganismo que conseguiu se mesclar no movimento de forma marcante.

Na contramão da multiplicidade que caracteriza a vida, nosso treinamento como cientistas, tanto na antropologia quanto na psicologia muitas vezes nos leva a ignorar as controvérsias dentro de nosso objeto de estudo em prol de uma visão geral e concisa, seja ao apreender uma cultura como uniforme ou seja como apreender as estruturas psíquicas inconscientes como estruturas gerais da mente humana.

Como tentei demonstrar anteriormente, a cultura *sXe* é heterogênea com diversas tendências e estilos que são contraditórios entre si. Apesar disso, todos gravitam em torno de um centro duro (os *core values*), o que mantém a unidade do grupo. Isso me leva a questionar o segundo ponto de meu argumento: compreender que a realidade muitas vezes não é coerente como querem as descrições científicas, o que mais uma vez me leva a problematizar o lugar do cientistas: “quem fala, de onde fala e sobre quem fala”. O cientista na relação com o nativo ocupa um lugar de produção de significado (CASTRO, 2002; YUJI, 2006). Logo, é necessário que se problematize a inflexibilidade das teorias em prol de uma interpretação dos significados do grupo para ele mesmo.

Além disso, é importante compreender que as culturas não realizam uma cisão total, isto é, o surgimento de novos grupos não gera automaticamente uma nova cultura assim como a “nova” cultura não é, como nos mostra Barth (1989/200) simplesmente adicionada na cultura dominante, há de certa forma uma construção cultural entre os grupos e linhas de pensamento contraditórias presentes na cultura.

Como apontado por Tangerino (2010) há uma importância enorme da *Drug War* para a formação do movimento *Straight Edge*. Neste sentido, considero importante utilizar o argumento de Castro (2002) que apresenta a possibilidade de um rearranjo deste discurso pelo movimento em vias de “nascimento”, assim como a partir de Barth (1989/2000), ao discorrer sobre a não homogeneidade da cultura. Isto é, não é obrigatoriamente por ter se inspirado no discurso *Drug War* que o *sXe* assume uma postura igual a postura do Governo dos Estados Unidos contra as drogas. Assim é importante também problematizar a conduta deste grupo a partir da forma com que ele absorveu este discurso conservador contra as drogas e o associou à rebeldia do *punk*.

A partir dessa construção cultural, outra questão é levantada: a cultura então seria apenas um discurso desprendido da realidade? Em último caso, uma ficção? É necessário, como argumenta Barth (1989/2000), que se explore também a base empírica que possibilita a criação destes padrões de cultura. Em nosso caso, a dissidência do *Straight edge* com a cultura ocidental dominante e o *punk rock* e as próprias divergências dentro do movimento, pois, mais do que uma ficção, essa nova forma de encarar o mundo advém de uma base empiricamente concreta.

Desprender esses padrões de uma pressuposta correspondência a uma realidade objetiva e não-cultural não significa dizer que todos os padrões culturais são autônomos ou propriedade da cultura como tal; nem tampouco implica supor axiomáticamente a existência de múltiplas culturas locais discretas e internamente integradas. Ao contrário, acredito que assumir a tese da construção cultural da realidade aumenta a necessidade de explorar empiricamente o grau de padronização na esfera da cultural e diversidade de fontes desses padrões. (BARTH, 1989/2000 p. 112).

Haenfler (2006) em sua análise sobre o significado do “X” no movimento nos apresenta a ideia de que um símbolo presente na cultura dominante como algo negativo. A proibição de consumir bebida alcoólica torna-se na cultura *Straight edge* um símbolo de orgulho e comprometimento. Dessa forma, um símbolo ganha dois sentidos completamente diferentes devido as relações que são rearranjadas pelo movimento.

The “X”, sX'es universal symbol, emerged in the early 1980's , when music club owners marked the hands of underage concert-goers with X's to ensure that bartenders would not serve them alcohol (see Lahickei 1997:99; Wood 1999). As I mentioned in the introduction, soon the kids intentionally marked their own hands, both to signal club workers of their intentions not to drink and, more importantly, to make a statement of pride and defiance out of not drinking. The movement appropriated the X, a symbol meant to be negative, transforming its meaning into discipline and commitment to a drug-free lifestyle. Youth wear X's on their backpacks, shirts, and necklaces; they tattoo them on their bodies; and draw them on their school folders, skateboards, cars and other possessions. The X unites youth around the world, communicating a common set of values and experiences. Straight edgers find strength, camaraderie, loyalty, and encouragement in their sXe friends, valuing them above all else. (HAENFLER, 2006 p. 35)

O mesmo símbolo “X” ganha diferentes significados em prol da forma como as relações se (re)arranjam e (re)produzem significados. Essa apropriação e transgressão de um símbolo demonstra empiricamente como é possível a partir de um dado contexto específico (de relações) há uma construção da realidade e consequentemente de padrões culturais. Desta forma o trabalho em uma análise etnográfica não se resume em explorar e abstrair princípios gerais de uma cultura, mas de compreender aquele padrão específico (BARTH 1989/2000).

A atividade social é uma atividade contínua de produção do mundo (Winner 1986:15); abstrair princípios gerais não é a melhor maneira de exemplificar as formas da cultura. É melhor nos perguntarmos de que os padrões específicos que observamos são evidências. Devemos perguntar que tipo de consistência encontramos em cada padrão específico, e por que essa forma se desenvolveu justamente aí. A ausência de ordem não requer explicação; antes, é a tendência a formação de uma ordem parcial que precisa ser explicada, esclarecendo quais as causas eficientes específicas em jogo. (BARTH, 1989/2000 p. 126).

Considero prudente (e necessário) que a análise não apenas se concentre em compreender como aquele padrão específico desenvolveu-se, a partir da análise aprofundada é possível encontrar a razão de tal padrão ter se desenvolvido, isto é, a pergunta a qual o padrão desenvolveu-se como resposta. No caso do *Straight edge* e a prática de usar o X como símbolo de orgulho e comprometimento me leva a problematizar como o consumo de álcool em nossa sociedade está de certa forma ligado à sociabilidade masculina padrão. Basta analisar meia dúzia de comerciais de cerveja em nosso país. Todos eles incluem em sua mensagem a ideia de que a bebida traz felicidade, relacionamentos e amizade, todos os três muito valorizados na sociedade brasileira.

Se por um lado a felicidade no *sXe* advém de um sentimento de fraternidade (*brotherhood*), essa felicidade não se encerra apenas neste sentimento, mas remete a uma noção de compromisso com o fim último do movimento: a tomada de consciência para agir no mundo. Ao mesmo tempo, no Brasil encontramos uma sociedade eminentemente relacional (DA MATTA, 1997), isto é, onde o valor do indivíduo passa por um exercício de sociabilidade onde quanto mais pessoas ele conhece e pode “pedir favores” mais *status* ele detém. Verifico nos comerciais de cerveja em nosso país explicitamente essa dimensão da sociabilidade, onde o consumo da bebida tem uma função de sociabilidade masculina. Assim, a *brotherhood* em sua dimensão de sociabilidade apresenta uma forma de sociabilidade alternativa à sociabilidade através do consumo de álcool.

Corpos tatuados: produção de (bio)identidade?

A partir de uma análise da importância do corpo no discurso e nas práticas do *Straight Edge*, considero válida a análise da função que a prática da tatuagem assume no grupo na produção de identidade.

Os *core values* são a priori uma regra que diferencia quem participa ou não do grupo, são um conjunto de práticas básicas seguidas por qualquer *Straight Edge*. Levando a sério os questionamentos de Barth (1989/2000), não é profícuo tratar a cultura como uma manifestação uniforme. Ao contrário, há diversidade dentro da cultura *straight edge* e a única coisa que une todas estas identidades variantes é a obediência aos *core values*, como tentei demonstrar ao citar que em Brasília o *moshcore* (um braço do *metalcore*) tem se expandido entre os *sXe*. Enxergo essas práticas como um pacto implícito para participar do movimento (MAFFESOLI, 1998; HAENFLER, 2006).

Em primeiro lugar, temos diversas formas de viver o *Straight Edge*: *Old School*, *Youth Crew*, *Emo/Political Influenced* e o *Victory Era* (representado em Brasília pelo *Moshcore*) o que

sustenta o argumento de Barth (1989/2000) sobre a diversidade em uma cultura. Mas por outro lado, o próprio *sXe* é uma subcultura, o que implica que ela está dentro da cultura *mainstream* ocidental. O que o movimento representa é uma dissidência, uma nova relação (CASTRO, 2002) entre os padrões apresentados no *mainstream*.

Como exposto anteriormente, os *core values* podem ser compreendidos como guias para práticas ascéticas que conduzem um maior autoconsciência e consequentemente uma ação positiva no mundo e autodesenvolvimento (HAENFLER, 2006). Tais práticas possuem uma dimensão corporal, um adestramento do corpo uma busca pela purificação e exteriorização de ideais subjetivos compartilhados como na ascese clássica (ORTEGA, 2003).

A partir disso, verifico que há no movimento uma busca pelo controle do corpo, a rejeição a substâncias que possam reduzir a autoconsciência, o desejo de manter o corpo “puro”. Na construção da identidade coletiva do grupo por meio do corpo, destaco algumas características distintivas: a recusa ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, as tatuagens e a adoção de uma dieta vegetariana ou vegana. No caso das tatuagens, o mais importante é que exteriorizam os ideais do grupo por meio de marcas corporais. Além disso, a adoção da dieta vegetariana (com consumo de derivados de animais como: queijo, leite, ovos e mel) ou vegana (não é permitido o consumo de derivados de animais) expressa de forma mais explícita a escolha em não “participar” do sistema estabelecido e a busca por um autodesenvolvimento. Apesar de causar impactos físicos, a dieta não será assunto deste capítulo.

Há uma particularidade na tatuagem que se liga à bioascese apresentada por Ortega (2003). Se nas bioasceses o indivíduo busca manter um corpo visualmente bonito e a sua perícia ou não em mantê-lo durante sua vida lhe caracteriza como moralmente apto, nas intervenções como a tatuagem há a busca por um domínio sobre o corpo como forma de externalizar sua vontade:

A tatuagem e o piercing, assim como a cirurgia plástica e mesmo as operações de mudança de sexo marcariam o momento alto de dominação do homem sobre seu corpo que, graças aos avanços científicos torna-se relativamente maleável e sujeito a modificações. O corpo biológico estaria, assim, subordinado a uma vontade (racional, emocional, etc...) do indivíduo. Essa subordinação só é possível, entretanto, se as noções de corpo e de alma (ou mente) forem tomadas como entidades separadas. (LEITÃO e ECKERT, 2000 p. 13).

Entretanto, no movimento *sXe*, a tatuagem não é um fim em si, ela contém um significado e uma função de exteriorizar os *core values* (guias de conduta para as práticas ascéticas).

Foucault (1982) apresenta a ascese na antiguidade como um meio para alcançar a verdade. O ascetismo (*askésis*) clássico seria então um caminho e não um fim em si para atingir o autoaperfeiçoamento. No caso cristão buscava-se a salvação, o que impacta diretamente no *sXe* por advir de uma matriz cristã protestante.

A tatuagem talvez seja a forma mais franca escolhida pelo grupo em demonstrar sua divergência com a corrente *mainstream* da vida social, em conformidade com a qual fabrica-se o corpo através do desejo assim como nas academias e clínicas de estética. Maluf (2002), através da análise do filme “Tudo sobre Minha Mãe” aponta para a dimensão do processo de construção corporal de uma travesti como foco da modificação e não apenas o produto final, além de explicitar a relação entre as intervenções cirúrgicas e a construção corporal do eu. O desejo ganha uma dimensão de suma importância, pois é ele quem move o processo da transformação da travesti Agrado e consequentemente sua individualização e exteriorização de sua subjetividade (MALUF, 2002). Na medida em que os membros do *straight edge* tatuam seus corpos com frases e imagens que retomam os *core values*, eles buscam uma diferenciação da sociedade, uma exteriorização de sua subjetividade, onde o foco não é o processo mas o fim, diferentemente do caso de Agrado, pois é ao fim do processo que eles podem ostentar os valores da tribo sobre sua pele. Agrado por outro lado em sua fala dá ênfase no processo na medida em que explicita todas as intervenções feitas sobre seu corpo a fim de dar vazão à seu desejo:

Cancelaram o espetáculo. Aos que quiserem será devolvido o ingresso. Mas aos que não tiverem o que fazer e já estando no teatro, é uma pena saírem. Se ficarem, eu irei diverti-los com a história de minha vida. Adeus, sinto muito [aos que estão saindo]. Se ficarem aborrecidos, ronquem, assim RRRRR. Entenderei, sem ter meus sentimentos feridos. Sinceramente. Me chamam Agrado, porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo. Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício, porque numa briga fiquei assim [mostra o desvio no nariz]. Sei que me dá personalidade, mas, se tivesse sabido, não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro. Setenta mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... . Onde? [Grita um homem da platéia]. Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 100 mil. Calculem vocês, pois eu perdi a conta. Redução de mandíbula, 75 mil. Depilação completa a laser, porque a mulher também veio do macaco, tanto ou mais que o homem. Sessenta mil por sessão. Depende dos pêlos de cada um. Em geral duas a quatro sessões. Mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma. (MALUF, 2002 p. 144-145)

Essa não é uma diferenciação por si só, há a busca por mostrar à sociedade sua escolha, mostrar que sua vontade e moral tem influência direta sobre seu corpo, mas que o controle do corpo não é o fim último, a inscrição sobre a pele serve para mostrar sua busca pelos ideais. Dessa forma, a construção de identidade, através dos *core values*, ganha uma visibilidade no corpo do indivíduo. A tatuagem além de lembrar o indivíduo de seu compromisso com o grupo tem a função de mostrar àqueles que não pertencem ao grupo o pertencimento do indivíduo ao grupo.

A tatuagem, *piercing* e *body modification* apresentam em geral uma mudança visual no corpo. Desta forma, as práticas ascéticas do grupo se materializam em tatuagens como “*death before dishonor*”²², um lema comumente encontrado em tatuagens entre os *straight edges*. Esse lema

22 Morte antes a desonra.

mais do que relembrar o indivíduo de seu compromisso e mostrar aos outros seu pertencimento ao grupo mostra a subjetividade do grupo em relação a identidade. Para o grupo, aqueles que são dependentes químicos, entre outros, são considerados moralmente inferiores por não controlarem seus corpos e desejos. Da mesma forma o discurso *fitness*, considera aqueles que não tem o total controle de seu corpo como moralmente inferiores (ORTEGA, 2003), o que leva a problematizar a existência de um juízo de valor em todas as formas de ascese. A tatuagem não é uma prática ascética mas serve como meio para veicular as práticas ascéticas do grupo. Ao tatuar um “X” na mão o indivíduo não alcança os ideais do grupo mas demonstra publicamente que os está perseguindo.

Como dito acima, há lemas frequentes nas tatuagens presentes no *sXe*. Ainda assim, mesmo dentro de lemas previamente definidos, é possível que o indivíduo exteriorize sua subjetividade através do “estilo”, que seria nada mais do que o toque “pessoal” daquele indivíduo. Como por exemplo, o *Straight Edge* que se tatua com um gorila (figura presente na cena devido a banda “*GORILLA BISCUITS*”) em pose de musculação devido a sua identidade como adepto do esporte, ou mesmo o *Straight Edge* que tatua o mesmo animal em cima de um *skate*. Assim é possível que uma tatuagem, que contém o mesmo significado para o grupo, seja representada de formas diferentes (estilos) que sejam significativas pessoalmente para cada membro do grupo e expressem sua individualidade (SABINO e LUZ, 2006)

Essa construção de identidade passa então por uma dimensão ideológica, há uma impressão das ideologias do grupo na pele do indivíduo como demonstração de comprometimento em última instância com as práticas ascéticas do grupo que compõe o estilo de vida do indivíduo. Os *core values* e a dieta vegetariana (no caso daqueles que são vegetarianos) disciplinam os corpos dos participantes como parte de uma ascese.

A partir desta análise podemos compreender a tatuagem como uma linguagem, e como toda a linguagem tem a função de transmitir uma mensagem. Mas, mais do que isso, neste caso há a transmissão da mensagem do grupo a partir da pele do indivíduo (SABINO E LUZ, 2006).

É necessário ressaltar que, mais que apenas exprimir a diferença no exercício de alteridade entre; tatuado e não tatuado, há a necessidade de exteriorizar a subjetividade pautada na transformação corporal, mas de forma diferente das bioasceses onde o foco é o controle do corpo simplesmente (ORTEGA, 2003). Ainda assim, a transformação e exteriorização da subjetividade passa pelos *core values* do grupo na medida em que as tatuagens tem ligação com eles. Na medida em que se inscrevem as *core values* sobre a pele do indivíduo, ele está marcado visivelmente como membro do grupo.

O “sofrimento de ser escrito pela lei do grupo [a dor] vem acompanhado de um prazer, o de ser reconhecido, de se tornar uma espécie de palavra identificável e legível numa língua social, de ser mudado em fragmento de um texto anônimo, de ser inscrito em uma simbólica sem dono e sem autor”.(DECERTEAU, 2002, p. 232 apud SABINO e LUZ, 2006 p. 256).

Há então neste processo não a prática como fim em si, o foco não é simplesmente a transformação corporal mas a inscrição do grupo sobre a pele do indivíduo. Essa inscrição marca o indivíduo como membro do grupo.

Além de marcar o indivíduo como pertencente ao grupo, a tatuagem nesse caso culmina em tornar visível no corpo do sujeito a lei do grupo: “É o corpo o mediador do saber aprendido durante a iniciação. A lei escrita sobre o corpo do homem é a lei do grupo, e ser um homem marcado é, em grande medida, proclamar da forma mais visível possível seu pertencimento a ele” (LEITÃO e ECKERT, 2000 p. 11). Por mais que a tatuagem não seja um ritual institucionalizado, no *sXe* há implicitamente um rito de passagem que separa aqueles que inscreveram sobre sua pele os *core values* daqueles que ainda não o fizeram. Desta forma, o sujeito pode deslocar-se da categoria de indivíduo para a categoria de *persona* (MAFFESOLI, 1998), pois o significado da tatuagem é dado no grupo, o indivíduo é legitimado como detentor deste papel através do reconhecimento do outro.

Assim, a dimensão social é que permite o indivíduo assumir determinados papéis, principalmente em relação à forma como a pessoa constrói subjetivamente o processo saúde doença, como na relação entre a construção corporal do *bodybuilding* e as práticas ascéticas. A tatuagem mais do que um símbolo é um símbolo específico para este ou aquele grupo.

Todavia, mesmo imerso no grupo, o indivíduo pode através do estilo mostrar sua subjetividade na medida em que assume um estilo ao representar o símbolo ou a mensagem do grupo (SABINO e LUZ, 2006).

A tatuagem adquire também a função de externalizar os *core values*, e essa externalização não corresponde necessariamente com o *mainstream*. Basta trazer de volta o lema presente em muitas tatuagens no movimento *death before dishonor* que contrastaria se aproximada a uma tatuagem presente, por exemplo nas academias. A palavra *God* escrita em uma frequentadora de academia entrevistada por Leitão e Eckert (2000) apresenta, para as autoras, uma tentativa de tornar imutável aquilo que a indivíduo deseja externalizar. Se no primeiro exemplo o lema do grupo transmite um comprometimento com as regras, no segundo apenas serve como ferramenta de “individualização” na medida que externaliza a subjetividade da entrevistada.

A partir desta pequena análise tentei apresentar como os *core values* do movimento conseguem transformar práticas *mainstream* em práticas de resistência e a busca por uma subjetividade que vai de encontro com as práticas *mainstream*. Neste sentido, a tatuagem no grupo

não é uma bioascese como o *bodybuilding* e sim uma forma de veicular os *core values* que guiam suas práticas ascéticas.

Core Values como práticas de ascese

A *askêsis* aparece não como uma renúncia de si para Foucault (1982) mas em um progressivo autodesenvolvimento que busca acessar em última instância a verdade:

Na tradição filosófica inaugurada pelo estoicismo, a *askêsis*, longe de indicar a renúncia a si mesmo, implica na consideração progressiva de si, a maestria de si – uma maestria à qual se alcança não pela renúncia à realidade, mas ao se obter e assimilar a verdade. O objetivo final da *askêsis* não é preparar o indivíduo para uma outra realidade, mas de lhe permitir acessar a realidade deste mundo. Em grego a palavra que descreve essa atitude é *paraskeuazô* (“preparar-se”). A *askêsis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode obter, assimilar a verdade, e transformá-la em um princípio de ação permanente. A *alêtheia* se torna o *êthos*. É um processo de intensificação da subjetividade (FOUCAULT, 1982 p. 12-13)

Na medida em que compreendemos os *core values* como guias para a autoconsciência e o autodesenvolvimento podemos compreender que há no *Straight Edge* uma apropriação ampliada da *Drug war*. Isto é, o movimento de recusa às drogas não se encerra na negação de viciar-se, há uma preocupação em manter a autoconsciência e consequentemente agir no mundo, como prenuncia Foucault (1982) ao argumentar sobre as técnicas de si como produtoras de autoconhecimento e agência.

A ascese em uma sociedade onde a categoria fundamental é o indivíduo, centra-se em um movimento em busca do individualismo e da subjetivação. Ela se coloca como um caminho para a subjetivação e em suma a diferenciação da massa.

A ascese implica em um processo de subjetivação. Ela constitui um deslocamento de um tipo de subjetividade para outro tipo, a ser atingido mediante a prática ascética. O asceta oscila entre uma identidade a ser recusada e outra a ser alcançada. A subjetividade desejada representa para o asceta a verdadeira identidade para o qual se orienta o trabalho ascético. (ORTEGA, 2003 p. 62-63)

E os *core values* do *sXe* caminham no mesmo sentido de práticas ascéticas, tanto por prescreverem modos de conduta nos quais estão contidas recomendações de abstenção de álcool e outras drogas e prescrições dietéticas, mas também porque o importante é que o sujeito alcance, por meio deles uma nova subjetividade. Esta subjetividade perseguida pelo movimento inclui a autoconsciência como pedra de toque e é a partir desta autoconsciência, que o grupo acredita que pode mudar o mundo. Em suma, é uma mudança que parte de “dentro” para “fora”, primeiro o indivíduo modifica-se para então agir no mundo à sua volta.

Como exposto antes, devido à sua ligação com o *punk rock*, o movimento tem uma

tendência à rebeldia. Ou seja, a subjetividade que o grupo busca entra em conflito com o que seria aceito pela maioria das pessoas no *mainstream*. Isso se torna patente na adoção do veganismo por muitos participantes. A recusa em alimentar-se de qualquer derivado animal pode de certa forma causar espanto. Além disso, exige um engajamento político que contrasta com os hábitos alimentares majoritários da população brasileira, expresso inclusive por manifestos ou mesmo ações radicais. Froer (2009) em seu livro exemplifica uma destas ações, como o caso de uma vegana invade matadouros nos EUA.

As formas de subjetividade visadas pela ascese podem diferir ou não das identidades prescritas social, cultural e politicamente. Enquanto que nas ascèses da Antigüidade, o self almejado pelas práticas de si representava freqüentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas de bioascese, como veremos, uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito. (ORTEGA, 2003 p. 63)

Ortega (2003) argumenta que de certa forma a bioascese está ligada ao que é desejável no *mainstream*. Práticas *sXe* como o veganismo não necessariamente são desejáveis no mainstream, além de terem uma finalidade não-conformista explícita, logo não devem se classificadas como uma bioascese mas uma linha de fuga em relação às normas conformistas. Froer (2009) ao relatar sua experiência coloca como foi arguido sobre sua saúde ao decidir-se pelo veganismo. Ou seja, o veganismo não pode se enquadrar como uma prática de bioascese que busque a adaptação, diferente do *bodybuilding* e *fitness* criticados por Ortega (2003) constitutivos da biosociabilidade e conformista. Além disso, a saúde proporcionada pelas práticas não é uma meta em si, mas uma condição para a consciência política dos *sXe*.

Biosociabilidade (2003), é um fator presente na bioascese que diferente da ascese se centra em manter os corpos esteticamente belos e desejáveis. O *fitness* e *welness* nesse sentido encerram-se em si, o objetivo não é como nas ascèses pré-modernas alcançar uma nova subjetividade e sim manter o corpo esteticamente perfeito.

No discurso da biosociabilidade, apesar de presente a busca pela saúde, fica claro que ela está em segundo plano, o foco é a estética. O corpo se torna então nesse discurso uma via de sociabilidade. Por outro lado, as práticas corporais presentes no *Straight Edge* não visam uma adequação ou produção estética e sim uma tomada de consciência, a abstinência ao álcool tem como fim último a manutenção da autoconsciência, isto é, propiciar escolhas “corretas”, a partir da moral do grupo, que propiciem o autoconhecimento.

Os *core values* levam o indivíduo a se autovigiar, mas há também, conforme Haenfler (2006) uma vigilância por parte do grupo. Como o ritual (MAFFESOLI, 1998), a vigilância possui

a função de criar unidade no grupo. Para participar do grupo é necessário que a pessoa conheça os *core values* e os siga. Caso alguém quebre ou não siga um deles, é considerado como um “caído” (BITTENCOURT, 2011).

Diferentemente, no *fitness* e *bodybuilding*, encontramos uma preocupação com as práticas, um autopericiar-se, prática na qual, ao contrário do autovigiar-se, o que importa não são os atos mas o estado do corpo. A moralidade então não é advinda dos atos mas do estado corporal (ORTEGA, 2003). “Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna. Uma característica fundamental dessa atividade é a autoperitagem. O “eu” que se pericia tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade” (ORTEGA, 2003 p. 63).

A ascese no *sXe* busca através de suas práticas o alcance de uma nova subjetividade, que culminaria então em um autodesenvolvimento. As práticas do *fitness* e *bodybuilding* diferentemente buscam uma subjetividade a partir do ato de se periciar, deixando a saúde em última instância de lado.

No início do ano de 2012, um *Straight Edge* notório da cena de Brasília lançou com um amigo um vídeo de *rap* onde a temática é o *fitness*. Curiosamente, o discurso deste vídeo foge do que é abordado habitualmente na cultura *fitness* e *bodybuilding mainstream*: o foco do *fitness* a partir de uma perspectiva *sXe* e *vegan* é a busca pela saúde. A partir disso, eles colocam a atividade física como uma forma de desenvolvimento pessoal e não apenas um ato em si.

A música apresenta o veganismo como uma opção para a resistência contra o sistema. A atividade física aqui não é vista como um fim em si mas um meio para alcançar a autoconsciência: “se o seu corpo não tá bom, sua mente não funciona”. Essa autoconsciência se levanta então como uma forma de resistência “Se alimente mal pra adoecer/ Eles querem ver você no hospital para eles enriquecer/ eles querem te ver sedentário e padecer no ócio/ Afinal remédio hoje não é saúde é negócio”, no discurso o grupo parece tentar passar a busca pela saúde como o foco dos exercícios e não apenas o alcance de um corpo esteticamente desejável segundo a estética *fitness*.

No documentário “*A day in the life with Kai Greene*” Mike Pulcinella (2012) acompanha o fisiculturista em um dia de treino e a partir da perspectiva mostrada no documentário o autor coloca o *bodybuilding* como um ato em si em busca de autoconhecimento, o foco não é o alcance de uma nova subjetividade mas sim o desenvolvimento a partir do estado corporal. Pulcinella (2012) chega a comparar Kai um monge devido suas práticas ascéticas: comida controlada, disciplina espartana, simplicidade e dedicação. Em determinado trecho o próprio fisiculturista aponta sua atividade como uma válvula de escape, todas suas frustrações e ódio, segundo ele, são liberados no momento do treino. Sua subjetividade é constituída em torno de seu cotidiano focado no treinamento para

hipertrofia. Há um trabalho em subjetivar-se a partir da prática em si.

No documentário, Kai demonstra orgulho em poder cultivar seu físico mesmo morando em um bairro pobre de Nova York (Brooklyn). Para ele o que qualificaria moralmente um bom *bodybuilder* seria a não dependência de um patrocínio, seria o “fazer o melhor que pode com o que tem”, neste trecho ele aparece em sua cozinha humilde cozinhando algumas refeições para o dia. Nesta atitude há claramente uma qualificação moral (ORTEGA, 2003) a partir do físico que o indivíduo consegue ou não acessar, há então uma culpabilização por um físico fraco, que seria expressão da própria atitude moral do indivíduo.

O auto-aperfeiçoamento individual tornou-se um significativo privilegiado por meio do qual os indivíduos exprimem sua autonomia e se constituem num mundo competitivo. Através das numerosas práticas bioascéticas, o indivíduo demonstra sua competência para cuidar de si e construir sua identidade. (ORTEGA, 2003 p. 65)

Diferentemente desta atitude, no vídeo vinculado pela dupla de *rap*²³ na cena *sXe* de Brasília, o foco é a prevenção do adoecimento, a negação de uma dieta carnívora e o exercício para a saúde, a fim de aumentar a consciência. O foco gravita em torno de uma resistência contra as indústrias farmacêutica, da carne e as empresas que lucram com o adoecimento, a resistência aqui passa pelo cuidado de sua saúde a partir de uma perspectiva guiada pelos *core values* do *sXe* que tem as práticas como um processo de preparação para a ação política.

Há a partir da bioascese, como apresentada por Ortega (2003) a possibilidade de tornar pública subjetividade do sujeito. O corpo deve então carregar as preferências do sujeito, seus gostos, enfim representar toda sua subjetividade (ORTEGA, 2003).

O *Straight Edge*, a partir da prática da tatuagem e piercing não foge a essa lógica, contudo as práticas a partir dos *core values* se identificam com a dietética utilizada na antiguidade como prática ascética para o alcance do autodesenvolvimento.

Nas ascetes clássicas greco-romanas e cristãs, o corpo era submetido a uma dietética que tinha por objetivo a sua superação e transcendência como prova de habilitação para a vida pública, de intimidade com a divindade ou da derrota da nossa condição mortal. Nelas, o corpo possuía sempre um valor simbólico, estava na base da constituição de um self dono de si que, mediante as práticas de ascese corporal e espiritual, legitimava-se para a vida política, atingia um conhecimento de si ou se auto-anulava na procura de Deus. Em contrapartida, nas modernas bioascetes e tecnologias do self, o corpo obtém um novo valor. Na sua materialidade sofre um desinvestimento simbólico: já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, está a seu serviço. (ORTEGA, 2003 p. 68)

Assim compreendo que o *Straight Edge* aproxima-se da ascese clássica, pois apesar de

²³Apesar da cena *sXe* ser esteticamente uma variação dentro do universo do *punk rock*, um membro da cena junto a um amigo vegan (porém não *sXe*) veicularam em um *rap* os *core values* do grupo. De certa forma há uma tendência na cena mundial da junção com o *rap*, a cena *hardcore* de Nova York parece ter sido uma das primeiras a abrir esse espaço pois há em meados da década de 90 gravações de músicas da banda *Biohazard* em conjunto com o grupo de *rap* novaiorquino *Onyx*.

necessitar do adestramento corporal este não é o fim. A proposta dos *core values* é criar uma agência positiva no mundo através da transformação individual (HAENFLER, 2006). A abstenção de sexo casual, álcool e outras drogas não tem como cerne o cuidado com o corpo, mas alcançar o autodesenvolvimento para agir positivamente no mundo.

Nas bioasceses, onde o corpo torna-se o cerne da ascese, encontramos uma transição do conceito de doença ao de deficiência (ORTEGA, 2003). Por contraste, no discurso na cena *Straight Edge* o que importa não é a performance e sim a saúde.

Brasília e o movimento *Straight Edge*

A cena de Brasília é uma cena relativamente pequena, se comparada à de São Paulo, com não mais do que 70 indivíduos. O que permite uma certa familiaridade: através das redes de amigos (*proxemia*) facilmente alguém pertencente ao movimento já encontrou, ou “conhece de vista” outro membro ao qual não foi apresentado formalmente.

O *Straight Edge*, como dito anteriormente não é um movimento formal, portanto não possui um “quartel general”. Contudo, durante muito tempo houve um local em Brasília que poderia ser intitulado de quartel general: a Churrascaria Floresta. Este local, serviu desde meados dos anos 2000 como base para eventos, vários shows importantes para os *sXe* ocorreram neste espaço. Sua localização é de certa forma crucial, pois está próxima à rodoviária do Plano Piloto o que facilitou o acesso de membros de diversos pontos de Brasília. Em 2009 houve o retorno à cidade da banda carioca “*CONFRONTO*” à cidade e também a primeira visita da banda chilena “*NUEVA ETICA*” na cidade.

Há uma certa ironia na utilização deste local, seja proposital ou não, pois muitas das bandas que marcaram presença em shows neste local eram veganas: “*XLINHA DE FRENTE*” e “*NUEVA ETICA*” por exemplo. Nos eventos organizados pelos próprios *sXe* o bar do local não vendia bebidas alcoólicas e algumas pessoas vendiam comida vegetariana, mais conhecida na cidade como “rango vegan”. A churrascaria tem também sido reduto de outros movimentos *underground* em Brasília como por exemplo o festival de música negra *Makossa*, realizado também desde meados dos anos 2000.

Além disso, há outra característica não só da cidade mas do próprio movimento *sXe* a presença das famosas “barraquinhas”, que na realidade são algumas mesas onde algumas pessoas vendem *merch*²⁴. Neste tipo de negociação algumas vezes pude observar os próprios membros da

²⁴ *Merch*, uma abreviação de *merchandise* ou mercadoria. Uma coisa herdada do *punk rock* é a produção de material

banda vendendo camisetas e cd's de forma a reunir capital para os gastos da banda. No Conic é possível também encontrar membros de bandas locais como “*LOST IN HATE*” vendendo camisetas de sua banda e cd's.

Recentemente, no segundo semestre de 2012 pude constatar que a cena tem se organizado através de redes sociais (*facebook*, no período que compreende 2006 até 2009 utilizava-se a rede social *orkut*) para combinar feiras de troca de produtos usados, além disso, as redes sociais funcionam como canal de comunicação. A banda “*LOST IN HATE*”, possui uma *fan page* em uma rede social na qual disponibiliza links para downloads de suas músicas e faz encomendas dos cd's e camisetas. Mesmo a banda possuindo um site próprio, verifico que o uso das redes sociais é importante para a divulgação, além é claro, da divulgação pessoal pois os próprios membros da banda, assim como de outras como a extinta “*XLINHA DE FRENTE*” e “*NOSSA ESCOLHA*” o faziam.

Durante a observação, verifiquei que o intervalo etário dos membros de Brasília se inicia aos 16 anos e vai até pouco mais de 25 anos. A pirâmide etária do grupo em Brasília parece diminuir na medida em que se avança a idade. Haenfler (2006) aponta que o movimento por ser um movimento de juventude possui poucos membros na ativa conforme passam-se os anos.

Apenas apresentar estes dados não é suficiente para especificar a cena. Durante o período no qual realizei a etnografia e em anos anteriores, verifiquei que há um certo fluxo na cena. Por exemplo em 2008 durante o primeiro encontro *Straight Edge* realizado em Brasília compareceram cerca de 10 pessoas, destas pessoas algumas deixaram o movimento. Inclusive durante a entrevista com meu informante xMx, sua esposa perguntou sobre algumas pessoas daquela época e ela mesma pontuou após alguns segundos: “Muitos caíram, de lá para cá.”

Além disso, das pessoas presentes naquele encontro algumas delas eram do entorno, e a grande maioria era de cidades satélites como Guará, Taguatinga, Ceilândia, Núcleo Bandeirante, Águas Claras e Cruzeiro. Alguns poucos moravam no Plano Piloto.

De uma forma geral, a grande maioria dos membros daquela época trabalhavam e/ou estudavam. Na cena pude verificar uma presença de membros da classe média e membros da classe trabalhadora. O próprio fator de serem *Straight Edges* de certa forma apaga essas barreiras de classe. Contudo, dois *Straight Edges* de Águas Lindas veicularam um *fanzine* no Conic criticando a atitude de algumas pessoas no movimento de ostentar-se, através de roupas de marca, tênis e bonés importados e tatuagens elaboradas em estúdios de renomados artistas.

Também colhi na cena de Brasília na segunda edição do encontro a seguinte frase “Para ser

independente das grandes gravadoras. Haenfler (2006) por exemplo aponta que muitos membros do movimento dão preferência a comprar camisetas diretamente da banda de forma a dar um suporte ao movimento.

Straight Edge não basta parar de beber, fumar e fazer sexo casual. É preciso ter postura”. Em Brasília há um movimento por parte de alguns em tentar valorizar a postura *hardcore* em detrimento das vestimentas e tatuagens. Em todos os shows aos quais compareci, seja por diversão ou em busca de material etnográfico verifiquei que as tatuagens estão sempre presentes.

A postura *hardcore* apresenta-se no movimento como dito anteriormente na posição crítica, engajamento social e o não conformismo. Percebo nesse movimento de retomada à postura *hardcore* uma necessidade de retomar as práticas de consumo consciente como uma ferramenta política, como colocado no discurso dos informantes de Haenfler, 2006.

Antes das Verduradas, houve na cena de Brasília dois eventos bastante marcantes, que descreverei a seguir como exemplos de sociabilidade *sXe*: o retorno da banda “*CONFRONTO*” e a estreia da banda “*NUEVA ETICA*” em Brasília. A banda “*CONFRONTO*” é uma das bandas mais antigas no cenário *hardcore sXe* (formada em 2000) do Brasil, e tem para os *Straight Edge* um *status* especial. No evento de retorno da banda, várias bandas locais tocaram, entre elas a extinta “*XLINHA DE FRENTE*”. Neste show, várias pessoas que estavam afastadas da cena por algum motivo compareceram, e foi um momento onde várias pessoas novas na cena puderam experimentar um grande show *sXe*. Neste momento houvera várias barraquinhas vendendo produtos das bandas, “rango vegan” e alguns *fanzines* sendo distribuídos. Pude verificar, neste momento um ambiente de *brotherhood*, ou “brodagem²⁵”.

Em um certo momento do show, o vocalista parou a música e fez algumas perguntas entre elas: “Quem aqui estava no nosso último show na cidade?” e ficou espantado com o grande número de braços levantados, o que demonstrava uma certa continuidade destes membros na cena. Durante o *mosh* houve uma intensa confraternização, pessoas tropeçavam e logo em seguida alguém parava para lhes ajudar a levantar-se e pessoas que haviam vindo de outros estados para o show foram recebidas calorosamente.

No show da banda “*NUEVA ETICA*” o clima foi um pouco diferente, durante o *mosh* uma pessoa se machucou e houve uma discussão e após isso uma troca de socos, mas logo a briga foi apartada pelas pessoas presentes. Antes da banda “*NUEVA ETICA*” começar a tocar a banda “*XLINHA DE FRENTEX*” subiu ao palco. Após algumas músicas o vocalista perguntou se havia algum *vegan straight edge* na multidão, várias pessoas levantaram as mãos e em seguida ele falou “Isso é muito bom, porque cada um de vocês faz a diferença no mundo”. E em seguida voltaram a tocar. Assim como a banda “*EARTH CRISIS*” fazia uma intensa propaganda do veganismo na cena norte americana, a banda “*XLINHA DE FRENTEX*” realizou o mesmo em Brasília.

25 Expressão utilizada dentro da cena para se referir à *brotherhood*, sendo uma categoria nativa no Brasil para definir o mesmo sentimento que *brotherhood* inspira.

Logo a banda “*NUEVA ETICA*” foi recebida com empolgação pelas pessoas presentes. A banda chilena na época possuía 10 anos de uma sólida carreira como uma banda *vegan straight edge*. Para a cena de Brasília, este foi um evento extremamente marcante. E a banda “*XLINHA DE FRENTE*” teve uma função crucial, pois foram os integrantes da banda que conseguiram trazer a banda chilena para tocar em Brasília.

Recentemente, neste ano, houve também um evento marcante na cena, pois a banda argentina *vegan* “*MOSTOMALTA*” tocou em um evento gratuito em Taguatinga. A cena em Brasília organiza-se em torno de shows, pois não há um local formal onde todos possam se encontrar. Além disso, há os estúdios de tatuagens onde alguns artistas são *straight edge* e promovem eventos. Em 2011 houve, como mencionado anteriormente, um evento em um destes estúdios onde outros artistas elaboraram *flash tattoos* promocionais. De certa forma, na cena ter uma tatuagem de um artista *Straight Edge* tem um significado especial para os membros, na medida em que o próprio tema da tatuagem é influenciado pelos *core values* da tribo, como neste evento onde todos os *flashes* foram inspirados em capas de cd's de bandas importantes como “*GORILLA BISCUITS*” ou nos próprios *core values*.

A cena de Brasília, de certa forma se organiza então ao redor de eventos, em 2010 houve um show da banda “*FORSAKEN*”, antes do qual o coletivo de Águas Lindas organizou, no mesmo local uma roda de debate sobre o veganismo. Esse tipo de evento (show com debate) é muito comum na cena *punk* (politicizada) e foi introjetado pela cena *sXe* de Brasília.

A 1ª edição da Verdurada de Brasília é outro exemplo, pois combinou rodas de debate, shows, jantar comunitário (vegano), palestras e exibição de filmes em um evento só. Por mais que a Verdurada tenha nascido em São Paulo no movimento *Straight Edge*, hoje ele é um evento que reúne outras (sub)culturas, e em Brasília não foi diferente. Apesar da presença da banda *sXe* Nossa Escolha e diversos membros da cena, o evento não foi exclusivamente *sXe*.

De uma maneira geral, percebo que a cena *sXe* tem envelhecido, vários membros abandonaram este estilo de vida. E os mais antigos que ainda permanecem nela raramente tem tempo para permanecer em locais como o Conic, pois tem outros afazeres e alguns família. Mas a cena tem uma característica dinâmica e lentamente uma nova geração vem adentrando nela, trazendo consigo um novo sopro e ânimo.

Em uma análise reflexiva sobre os movimentos de juventude como as tribos urbanas e em específico o *sXe*, o argumento de Haenfler (2006) se torna válido na medida em que as atribuições da vida adulta como família e emprego são, na maioria das vezes, incompatíveis com o movimento. Durante minhas observações participantes, um dos meus informantes expressou se sentir afastado

do movimento por uma série de motivos entre eles o comprometimento com sua família, igreja e trabalho.

Capítulo III

Veganismo: A dieta da revolução

Até aqui foram tratados os *core values*, cultura(s) *Straight Edge* e rituais (*mosh* e tatuagem). As intrincadas formas pelas quais os membros do movimento buscam um ascetismo não estariam completas sem mencionar sobre a dieta vegan, que inseriu-se no movimento.

Desde meados da década de 90 há uma ligação do movimento com o veganismo, o que resultou no chamado *Vegan Straight Edge*²⁶. Para estes indivíduos, a abstinência dos produtos derivados de animais e também o engajamento pela libertação animal estão no mesmo patamar do *clean living* (HAENFLER, 2006). Desta forma, escolhi dedicar neste capítulo uma análise sobre a relação entre o veganismo e o *Straight Edge*.

O movimento *sXe* começa em meados dos anos 80 e no ano de 88 começam a surgir as primeiras movimentações na cena *hardcore* em prol de um vegetarianismo, encabeçado pela banda “YOUTH OF TODAY” em sua emblemática música “No more” (HAENFLER, 2006). “*Meat eating flesh eating think about it/ So callous to this crime we commit/ Always stuffing our face with no sympathy/ What a selfish, hardened society so/ No More/ Just looking out for myself/ When the price paid is the life of something else/ No More/ I won't participate.*” (“YOUTH OF TODAY” – *No More*).

Com essa iniciativa, compreendo que o *Straight Edge* começou a abraçar a causa vegetariana e inseri-la em seu discurso. A entrada do vegetarianismo vem suprir uma lacuna que faltava nas práticas ascéticas: a dietética em busca da ascese, no *sXe* por vezes é vista como purificação do corpo e consequentemente da mente. Um agir de dentro para fora, purificando seu corpo, sua mente para depois agir no mundo.

Outras bandas também aderiram espalhando a mensagem do vegetarianismo na cena, como a banda “INSTEAD” (HAENFLER, 2006). “*Hear my words – Feel their pain/ Eating their flesh – You have nothing to gain/ A moral opposition/ To the murder of animals/ It's my philosophy/ To take life is criminal/ The smiling clown/ For the billions served/ Represents to me/ Blooshed undeserved.*”(“INSTEAD” – *Feel Their Pain*).

26 Mais uma identidade possível no *Straight Edge*, na medida em que o veganismo se torna parte significativa do movimento surgem alguns membros que se autodenominam *Vegan Straight Edge*. (HAENFLER, 2006 p. 53).

A partir da contribuição da banda “*INSTEAD*”, a dieta vegetariana ganha no movimento uma ligação com a filosofia de vida *sXe* (*core values*). Desta forma, há na dieta adotada um fim a ser alcançado, como nos antigos gregos (FOUCAULT, 1982; ORTEGA, 2003).

Para além disso, o *Straight Edge* é um movimento que prima pela individualidade, isto significa uma maior plasticidade na identidade. Como podemos observar no desenvolvimento do vegetarianismo na cena: *Ray Cappo* integrante da banda “*YOUTH OF TODAY*” adentra no *Hare Krishna* e após isso, funda a banda “*SHELTER*” que além de disseminar os valores *sXe* disseminou também os valores *Hare Krishna*, inclusive a dieta vegetariana presente na religião (HAENFLER, 2006). Da fusão entre a religião *Hare Krishna* e o *hardcore* nasce então o *Krishnacore*²⁷.

É importante notar que o surgimento do *Krishnacore* no movimento não foi um fato isolado, pois ele surgiu no que Haenfler (2006) colocou como a Era Politicamente Correta, exatamente onde surgiu a tendência *Emo-Influenced/Politically Correct*, onde além da preocupação com os *core values* surgiu uma preocupação em tomar atitudes politicamente corretas.

Após a disseminação da dieta vegetariana, no movimento adentra o veganismo no início dos anos 90 (HAENFLER, 2006). Uma dieta que se propõe além do não consumo de carne um engajamento contra a crueldade animal, através da rejeição do consumo de carne e derivados de animais incluindo couro, mel, ovos, leite e lã entre outros. Desta forma há uma busca pelos *sXers* em se posicionar politicamente em prol dos direitos dos animais.

Esse movimento em prol do veganismo, na década de 90, foi encabeçado pela banda “*EARTH CRISIS*”. O *Straight Edge*, assim como outras subculturas está de certa forma envolvida com várias causas sociais (HAENFLER, 2006), e uma das causas acolhidas no movimento foi o veganismo. Haenfler (2006) argumenta que o envolvimento em causas sociais não é uma obrigação no movimento, mas que ao indagar diversos participantes eles expressaram que o envolvimento na mudança social é uma progressão lógica do *clean living*, desta forma: “*Clean living and positivity lead to clear thinking, wich in turn create a desire to resist and self-actualize. This entire process opens them up to the world's problems and their concerns grow.*” (HAENFLER, 2006 p. 52).

Assim, o envolvimento do *sXe* com o veganismo é uma forma de expandir suas práticas de *clean living*, consubstanciadas nos *core values*, de forma que a mudança se inicia a partir do indivíduo e conforme sua consciência cresce e consequentemente sua responsabilidade ele busca agir no mundo. Várias formas de engajamento político são possíveis como a preocupação com os sem teto, exploração das matérias-primas não renováveis e também a exploração dos animais

27 Estilo de *hardcore* com uma temática voltada para o *Hare Krishna*.

(HAENFLER, 2006). Contudo, é importante notar que no caso do veganismo há uma ligação entre purificação corporal e agência no mundo. Na medida em que o indivíduo pratica o veganismo, em uma perspectiva *Vegan Straight Edge*, ele busca uma purificação do seu corpo que possa lhe conceder uma melhor consciência para então agir no mundo. Ao não consumir carne ou derivados de animais, o indivíduo não está afetando diretamente a indústria da carne na medida em que nega-se a financiá-la, contudo a soma de indivíduos que abstêm-se de comer carne afeta a indústria, aqui pode-se perceber o peso da ação da coletividade.

O *Straight Edge* assim como tantas outras subculturas urbanas (movimento *hippie*, *hip hop* entre outros) tem como ideal uma agência no mundo. Desta forma suas práticas ascéticas tem como devir a produção de uma maior consciência e uma crescente responsabilização dos indivíduos pelo estado no qual o mundo encontra-se. Percebo que, como nas ascetes clássicas (FOUCAULT, 1982; ORTEGA, 2003), essas práticas não são um fim em si, mas um meio para um fim maior. Conforme *Karl Buechner* (*frontman* da banda “*EARTH CRISIS*”) afirma em uma entrevista para Haenfler (2006):

The reasoning behind [sXe] is to have a clear mind and to use that clear mind to reach out to other people and do what you can to start thinking about fairness, thinking about how to make things more just in society and world as a whole.... It's about freedom, It's about using that freedom, that clarity of mind that we have, as a vehicle for progression, to make ourselves more peaceful people. And by making ourselves more peaceful people we make the world a more just place (HAENFLER, 2006 p. 52)

O *Straight Edge* pode então ser considerado como um meio para o alcance da liberdade (através de um aumento de consciência). Esta liberdade idealmente confere também responsabilidade àqueles que a detém, na medida em que devem causar uma agência positiva no mundo que proporciona a outros a libertação. *Karl Buechner* usualmente em suas turnês incentiva as multidões colocando o *sXe* como um meio para um grande fim, as temáticas das letras das músicas da banda a qual ele faz parte gravitam em temas como: o veganismo, abstinência, fome mundial e pobreza (HAENFLER, 2006). Assim o *Straight Edge* se diferencia de um movimento que tem como mote simplesmente a sociabilidade. A dimensão da sociabilidade existe, porém não é o fim do movimento e sim um de seus aspectos.

O movimento se diferencia de outras subculturas menos politizadas na medida em que busca proporcionar uma consciência social cada vez maior, como no caso do veganismo, onde o que está em jogo não é apenas uma dieta e sim o engajamento na luta pelos direitos dos animais e o consumo consciente.

Again, in contrast to the hippies, punks, and skinheads, sXers, see a clear, drug-free mind as

pivotal to developing a consciousness of resistance. The movement provides a general opening up to or expansion of social awareness. Kent, the rather quiet young man with many tattoos, said: I would never have even considered being vegetarian or vegan if it wasn't for sXe. Once you go sXe, I don't really think you're supposed to stop there. It's supposed to open you up to more possibilities.... It just makes me think differently. It makes you not to be so complacent (HAENFLER, 2006 p. 53)

Anteriormente apresentei em linhas gerais a bioascese sob a ótica do *bodybuilding*. Gostaria de retomar brevemente este assunto pois creio que seja uma importante comparação entre a bioascese e a ascese do sXe. No documentário de Pulcinella (2012) ele tenta retratar a disciplina do fisiculturista Kai. Há um aspecto interessante à ser ressaltado sobre o dia de treino do atleta: sua dieta.

No início de seu dia Kai fica de pé em seu pequeno e humilde apartamento preparando suas refeições para aquele dia, neste momento ele estava utilizando um casaco de moleton pesado que o fazia suar e então impulsionado pelo documentarista ele inicia sua fala. Em sua fala ele explica como é difícil preparar toda sua comida de forma que possa se alimentar nos horários corretos, a dificuldade em comer a comida fria, armazená-la durante seu percurso e por fim resalta suas próprias qualidades em fazer o melhor que pode mesmo tendo poucos recursos o que tanto para ele quanto para o documentarista resulta em seu avantajado físico e o eleva moralmente sobre aqueles que não conseguem ter a disciplina e dedicação que ele possui.

Neste trecho do documentário desejo explicitar como a dieta nas bioasceses é vista apenas como um meio para manter o corpo esteticamente perfeito, há uma autoperícia do fisiculturista que afirma saber exatamente quanto deve comer para ganhar ou perder peso e não uma busca pela autoconsciência ou pureza corporal, como por exemplo na tradição cristã onde o jejum obtém o *status* de purificador corporal (FOUCAULT, 1982).

Em contrapartida considero que a dietética vegan assume no *Straight Edge* um papel importante na purificação do corpo e aumento da consciência. Há dentro do *Vegan Straight Edge* uma sensação de que esta dieta é mais um passo para se tornar alguém melhor, para conseguir uma *self-actualization* (HAENFLER, 2006). A partir de uma postura vegana é possível adotar uma perspectiva pró-vida.

Até aqui delimitei a forma como o vegetarianismo adentrou na cena e posteriormente o veganismo, entretanto é necessário que se inclua a cena de Brasília e se situe em que pé ela se encontra.

Vegan Straight Edge em Brasília: Focos de Resistência

Ao se falar do movimento *Straight Edge* em Brasília é impossível não mencionar sobre a

influência que o veganismo teve sobre o movimento na cidade e entorno. Aqui a extinta banda “*XLINHA DE FRENTEX*” teve um papel fundamental em difundir a mensagem *Vegan Straight Edge*. É tida como um bastião do movimento até hoje por muitos dos participantes mais antigos.

A banda representou para o DF o que a banda “*EARTH CRISIS*” representou nos EUA para o movimento, e especificamente o *Vegan Straight Edge*, disseminando através de suas letras mensagens positivas e de acordo com os *core values* além da mensagem vegana.

Combatendo frente a frente o inimigo/ Usando todas as forças para deter/ o alastramento da degeneração da moralidade/ o atentado ao pudor desenfreado/ Das ruínas ergue-se a fortaleza/ Seguindo alerta e criterioso/ Frente a frente com o inimigo/ Em lutas árduas/ pela busca reformatória da ética/ Das ruínas erguem-se mais fortalezas/ Coragem e bravura contra os declínios morais/ Através das mãos, armadas ou não/ Através da linguagem, da educação,/fé e esperança/ Purifica sua mente/ Fortalece sua alma/ Educa sua índole/ Purifica sua mente/ mantendo-se livre do ciclo da ignorância/ Com as mãos limpas de sangue inocente/ Os gritos ecoam de todos os lados/ ecoam os gritos/ *vegan straightedge*” (“*XLINHA DE FRENTEX*” - Alerta)

A partir desta letra é possível extrair tudo o que tentei apresentar até agora que o *Straight Edge* significa e tenta alcançar. Há uma clara menção à retomada de valores éticos e morais que, segundo a perspectiva do grupo se encontram em declínio na sociedade, contudo estes valores se referem à valorização da vida e não aos valores e costumes defendidos pelos setores mais reacionários da sociedade. Há uma alusão sobre a luta pessoal de cada membro do grupo em busca da purificação que se enquadra dentro ascese do grupo. Há também uma clara alusão do veganismo como ferramenta para alcançar esta purificação e conseqüentemente se libertar do “ciclo da ignorância”, que pode ser reconhecido como o aprisionamento do indivíduo no sistema sem a possibilidade da tomada de consciência. A partir deste pensamento é possível enquadrar a busca pela consciência como uma libertação como dito por *Karl Bruechner* na entrevista anteriormente citada.

Assim compreendo que o veganismo dentro do *Straight Edge* proporciona uma postura que a partir da defesa dos direitos dos animais estende até os próprios humanos sua luta. Na medida em que se compreende, a partir desta perspectiva, como a ciência biomédica tem banalizado a vida há uma luta pela defesa da vida (seja de animais de nossa ou de outra espécie).

Mesmo após o fim da banda “*XLINHA DE FRENTEX*”, um dos seus integrantes continua se dedicando a passar a mensagem vegana e também *sXe* mesmo que não seja através da música *hardcore*. Como mencionei anteriormente o grupo de *rap* “*MENÇÃO HONROSA*” no início do ano de 2012 lançou uma música intitulada “Pra Viver” que foca tanto a postura *Straight Edge* quanto a vegana.

Nesta música há em específico uma alusão clara à necessidade de que o indivíduo tome consciência e promova sua saúde através da alimentação, bem como atividades físicas. Diferente

das bioasceses (Ortega, 2003), aqui a atividade física e a dietética não encerram-se em si. Conforme o grupo expõe mais adiante há uma preocupação no funcionamento da mente e consequentemente em uma agência sobre o mundo.

Desta forma compreendo que a disseminação da mensagem vegana mesclada ao *Straight Edge* apresenta uma direção de adestramento do corpo através do exercício físico e da dietética vegan em busca de uma maior consciência para então agir sobre o mundo. Por mais que a dupla esteja utilizando o *rap* para disseminar esta mensagem compreendo que há uma postura *hardcore* impregnada na letra. “Porque eu represento igualdade seja com minha mente ou com meu braço”(“*MENÇÃO HONROSA*” – Pra Viver), assim como no *hardcore* há uma postura “casca grossa” em busca dos ideais como é bem ilustrado por este trecho.

O veganismo é tido na cena de Brasília não simplesmente como uma dieta, é uma forma de protesto tão plausível quanto o consumo verde ou consumo consciente. O membro da cena *Straight Edge* que faz parte do grupo “*MENÇÃO HONROSA*” em um *teaser* sobre o *clip* fala em uma entrevista para a revista virtual *vista-se*²⁸ que o veganismo é: “Um protesto diário feito seis vezes ao dia. O ato de fazer isso já mostra seu radicalismo. Resistência contra o sistema que nos envenena com televisão, nos faz dependentes de medicamentos e comida, é necessário tomar essas decisões livres para estar livre desses venenos e poder tomar nossas decisões de dentro para fora para sermos verdadeiramente livres.”

Na cidade, o veganismo também teve como defensores os membros da banda Nossa Escolha, pois foi durante a ascensão desta banda, na cena de Brasília, que foi realizado o primeiro evento Verdurada do DF, no dia 7 de outubro em 2010 no Ciclo Operário do Cruzeiro, um dos locais onde já aconteceram vários eventos *punks* e *hardcore* na cidade.

Para compreender a importância deste evento em Brasília, acho válido ressaltar que este evento iniciou-se em São Paulo há cerca de 16 anos atrás durante a década de 90. Este é um evento que consegue reunir não apenas *Straight Edges*, *Vegan Straight Edges* como também outros vegetarianos como membros da religião *Hare Krishna* e também *anarcopunks* vegetarianos. Ter em Brasília finalmente a primeira verdurada foi um marco para a história do *Straight Edge* pois muitos dos envolvidos no projeto são membros do movimento.

Desta forma compreendo, como anteriormente dito, que o veganismo ocupa um lugar no *Straight Edge* como a dietética nas ascèses clássicas (FOUCAULT, 1982; ORTEGA, 2003) na medida em que é um meio para o alcance do objetivo do movimento: a agência positiva e a *self actualization*. Em contrapartida a dietética no caso do *bodybuilding* serve apenas para manter o

28 Site brasileiro que visa a disseminação do vegetarianismo, veganismo e consumo consciente. <http://www.vista-se.com.br/>

corpo em forma (ORTEGA, 2003; PULCINELLA, 2012). E além da dietética compreendo que há a inserção do poder biomédico na construção dos corpos (BELL, 2009; BIZERRIL, 2010; FOUCAULT, 2008). Bell (2009) apresenta o uso de anabolizantes esteróides, Bizerril (2010) aponta para toda a lógica mercantilista e os interesses das indústrias farmacêutica, cosmética e *fitnes*. E por fim com Foucault (2008) compreendo que há a partir do saber biomédico a intervenção diretamente sobre os corpos dos indivíduos. O veganismo na perspectiva *Straight Edge* é uma das formas de resistir aos interesses mercantilizados sobre o corpo e a vida principalmente com um consumo consciente.

Vegan Straight Edge e Consumo Verde ou consumo Straight Edge

O veganismo de certa forma vem caminhando de mãos dadas com o ambientalismo (FROER, 2009; HAENFLER, 2006), contudo é necessário que situemos o ambientalismo e as práticas de consumo consciente adotada pelos *Straight Edges* (HAENFLER, 2006) e o consumo verde adotado no *mainstream* do ambientalismo (PORTILHO, 2005).

Segundo Portilho (2005) há até 1970 uma tendência em explicar a crise ambiental devido ao aumento demográfico até que, na Conferência de Estocolmo, a responsabilidade recai sobre os países industrializados e consequentemente sobre as formas de produção. A partir de então, há por parte dos ambientalistas a tomada de atitudes como protestos, denúncias e boicotes contra determinadas empresas. Assim como mencionado anteriormente, Haenfler (2006) argumenta que no *sXe* há uma preocupação com o consumo consciente e consequentemente com o boicote, denúncia e também protestos, ao dar suporte a uma empresa por meio do consumo de seus produtos é necessário que o indivíduo busque analisar quais são suas políticas e atitudes.

Quanto a responsabilização do indivíduo quanto às questões ambientais, Portilho (2005) argumenta que o evento Rio 92 é um marco pois, a partir daí, além dos meios de produção culpabiliza-se também os estilos de vida e consumo, principalmente dos países do norte. E em meados dos anos 90 surgiu no movimento *Straight Edge* a tendência *Emo-influenced/Politically Correct*, preocupada com as causas ambientais, logo após a jornada da banda “*EARTH CRISIS*” com a disseminação do veganismo e a preocupação com o meio ambiente a partir da leitura de Haenfler (2006), de uma certa forma há uma continuidade entre os discursos ambientalistas *mainstream* e as práticas do movimento *sXe*.

Portilho (2005) compreende o consumo verde como fruto de três fatores: surge a partir da junção de três fatores: o advento do ambientalismo público (1970), a ambientalização do setor

empresarial (1980) e a partir da preocupação com o impacto ambiental dos estilos de vida e consequentemente de consumo.

Se por um lado Haenfler (2006) argumenta que o *sXe* em sua opção por comprar um produto leva em conta se vale a pena ou não financiar tal empresa, e qual a relação ela possui com o meio ambiente, Portilho (2005) indica que o consumidor verde “...inclui em seu "poder de escolha", a variável ambiental, preferindo produtos que não agridam ou sejam percebidos como não agressivos ao meio ambiente” (PORTILHO, 2005 p. 3).

Há, a partir dessa noção de consumo verde, a transferência da atividade regulatória do Estado para o Mercado e depois do Estado e Mercado para o cidadão na medida em que suas escolhas de consumo serão as responsáveis pela preservação do meio ambiente (PORTILHO, 2005).

Assim, ambos – governos e empresas – encorajariam a responsabilidade individual, implícita ou explicitamente, através de referências ao poder do consumidor, ao “bom cidadão” ou à valorização da contribuição pessoal de cada um, transferindo a responsabilidade para um único lado da equação: o indivíduo. (PORTILHO, 2005 p. 3)

No *Straight Edge* essa noção de responsabilidade do sujeito pelo seu consumo já havia sido introjetada, passando de discurso ambientalista para um discurso interno. Compreendo que na medida em que o *Straight Edge* possa ser um meio para um fim maior, ele inclui essa preocupação de cada indivíduo em contribuir para uma mudança no mundo. Na medida em que os *core values* e a dietética vegan orientam o indivíduo para uma tomada de consciência e consequentemente uma agência no mundo, há uma tendência que ele se preocupe com várias questões presentes no mundo desde o direito dos animais, aborto, pobreza, fome até os problemas ambientais como o aquecimento global. Por outro lado, há nesta localização da responsabilidade política no indivíduo também algo compatível com a privatização da responsabilidade social, característica das sociedades contemporâneas, nas quais o Estado se retrai e as corporações não tem sido responsabilizadas pelo impacto ambiental ou social de suas ações.

O veganismo defende uma consciência no consumo, na medida em que além da carne, leite, ovos, mel e outros alimentos, os vegans se preocupam em não utilizar produtos de origem animal como: sabonetes, couro, lã, seda e etc. Há aqui como demonstra Froer (2009) uma preocupação não apenas em não financiar a exploração animal, mas na própria forma que a indústria da carne mantém os animais confinados e os abate.

Monson (2005), em seu documentário “Terráqueos” faz várias denúncias contra a crueldade dispensada para os animais nas “fazendas-fábricas”. Froer (2009) em seu livro realizou uma entrevista com uma militante vegan que já havia trabalhado em uma “linha de produção” de uma

destas fazendas e que após adotar o veganismo como escolha pessoal, invadia fazendas para libertar animais. O veganismo enquanto postura ética adotada pelo *Straight Edge*, tanto quanto os *core values*, aponta para um consumo que leve em conta o meio de produção que neste caso demonstra-se desnecessariamente violento e que banaliza a vida.

Nesta perspectiva de linha de produção, há uma tendência na indústria da carne em tratar os animais não como seres vivos mas como máquina ou meros produtos. Esta mercantilização da vida é um dos principais alvos de um consumo consciente orientado pela ética vegan, que não se esgota na dietética: “Como descrito em publicações da indústria animal da década de 1960 em diante, a galinha poedeira deveria ser considerada “apenas uma máquina muito eficiente de conversão”(Farmer and Stockbreeder), o porco devia ser “apenas uma máquina numa fábrica” (Hog Farm Management). E o século XXI traria um novo “livro de receitas” de computador para projetar criaturas de modo personalizado (*Agricultural Research*)” (FROER, 2009 p. 114).

Como disse anteriormente, no veganismo encontra-se um discurso que vai além da simples defesa dos direitos dos animais, uma defesa da vida. Assim, o veganismo implicaria também não financiar empresas que estejam ligadas com outras que praticam tais atos com os animais. O boicote é tido dentro do *Straight Edge* e do veganismo como uma arma que o indivíduo tem contra tais práticas destas empresas.

É importante citar que as empresas de certa forma assumem uma postura diferenciada quanto à responsabilização social e ética no documentário A corporação Achbar, Abbott e Bakan (2003) desvelam a falta de ética de algumas empresas para seus consumidores. Um dos casos mais gritantes é sobre uma fazenda industrial que, utilizando-se de drogas para aumentar a produção de leite acabou causando mastite²⁹ em seu rebanho, não parou sua produção o que resultou em muitos litros de leite infectados com pus que foram postos à venda. Essa falta de ética e compromisso para com os clientes sob uma perspectiva *Straight Edge* ou vegan é apenas a ponta do iceberg, pois além desse desrespeito para com os consumidores há o sofrimento causado ao rebanho, como se os animais do rebanho fossem apenas máquinas em uma linha de produção.

29 Inflamação da glândula mamária.

Capítulo IV: Metodologia: um estranho em meu próprio lar

Devido a minha posição como um antropólogo *halfie*, realizei observações participantes porque possuo uma certa liberdade para transitar na cena *Straight Edge*, seja física ou virtualmente. Estive sempre a par das facilidades e dificuldades características de um etnógrafo nativo (ABU-LUGHOD, 1985; HAENFLER, 2006) o que me levou de certa forma também um exercício de análise da distância psicológica existente entre dois indivíduos, mesmo que pertencentes ao mesmo grupo (VELHO, 1978). Assim como Haenfler (2006) utilizei-me de minha identidade de auto-etnógrafo para cessar os entrevistados.

E foi a partir desta noção de distância psicológica que consegui compreender a possibilidade de várias culturas *Straight Edge*, graças também ao argumento de Barth (1989/200) percebi que a cultura não é homogênea, o que influenciou diretamente em minha decisão de discorrer no último capítulo especificamente sobre o *Vegan Straight Edge*.

Além da observação participante (em espaços significativos para a tribo: shows, praças, lojas e outros pontos de encontro), realizei entrevistas abertas/ não estruturadas. Creio que consegui apreender dos *Straight Edgers* entrevistados o que exatamente o *Straight Edge* significa para eles (HAENFLER, 2006). A partir daí pude compreender como é a relação e comprometimento deles com o centro duro de ideias do movimento. Creio que consegui acessar a forma como eles vivenciam o processo saúde-doença.

Realizei a transcrição após cada uma das entrevistas para assim realizar a construção das categorias analíticas a partir dos indicadores empíricos (GONZÁLEZ REY, 2005). Após esta etapa comparei as entrevistas obtidas. E a partir daí pude perceber como há uma diferença pessoal presente dentro do movimento, assim como Haenfler (2006) argumenta.

Analisei a produção local de bandas, vídeos, páginas virtuais e publicações *sXe* no geral, e reconhecendo a especificidade local do movimento, que a priori me parece *sui generis*, pois pelo que percebi a cena de Brasília tem se organizado sazonalmente ao redor de bandas. Por cerca de seis anos a cena se organizou em torno da banda “*XLINHA DE FRENTEX*” e após sua extinção houve uma rápida porém forte organização ao redor da banda “*NOSSA ESCOLHA*”, e sob essa segunda organização é que foi realizado o primeiro evento verdurada do DF. E por fim atualmente a cena tem se organizado ao redor da banda “*LOST IN HATE*”.

Em meu projeto de monografia, já havia escolhido duas categorias analíticas como base para orientar meu olhar: *core values* e construção do processo saúde-doença. Contudo, durante o campo me deparei com diversas outras questões e devido à necessidade de limitar o meu olhar optei por

inserir mais duas categorias analíticas.

A partir das conversas informais, análise de fanzines, material virtual e das entrevistas formais que realizei cheguei a duas categoria analíticas diferentes das duas propostas inicialmente: comprometimento com a cena e veganismo.

Como o próprio título de meu trabalho indica, a minha análise recai sobre uma identidade específica do movimento *Straight Edge*, o *Vegan Straight Edge*, portanto foi necessário inserir estas outras duas categorias.

Core values

Nesta primeira categoria me apoiei em toda a análise sobre os *core values* realizada por Haenfler (2006) e em minha própria vivência como membro da cena.

Aqui expandi o conceito de *core values* utilizado por Haenfler (2006) na medida em que dialoguei com outros autores a respeito da possibilidade da ascese através dos *core values*. A partir da compreensão do *Straight Edge* como um meio para um fim maior: a tomada de consciência e agência positiva no mundo compreendi junto à Foucault (1982) e Ortega (2003) uma possível ligação entre as práticas desencadeadas pelos *core values* e a ascese clássica.

Neste ponto, destaco que os *core values* assumem um papel na busca pela autoconsciência, na medida em que o indivíduo faz a opção por não utilizar drogas lícitas ou ilícitas, abster-se de sexo casual e, em alguns casos, seguir uma dieta voltada para a purificação corporal (na perspectiva do grupo), há no movimento uma diferença das modernas bioasceses. Ortega (2003) coloca estas bioasceses como uma modalidade no qual o próprio ato de cuidar do corpo é o fim o que vai de encontro às práticas ascéticas clássicas onde a ascese tinha como objetivo gerar uma ação política (FOUCAULT, 1982; ORTEGA, 2003).

Verifiquei na cena de Brasília uma necessidade por parte dos participantes de expor suas escolhas de negação ao uso de drogas. Frequentemente, me deparei com informantes e durante a observação participante, e sempre que um terceiro lhe indagava a respeito de suas escolhas eles demonstravam a partir de suas respostas uma certa tensão na tentativa de manter a conduta “Tamo ai na luta”, demonstrando a diária luta contra as tentações. Em um viaduto próximo de um dos pontos de encontro do grupo há um grafite que já perdura cerca de 4 anos onde está escrito “É estreito, mas tem que acreditar”, que de certa forma aponta para uma vivência ascética sobre as práticas do grupo, assim como na ascese cristã onde a dietética e o martírio tinham um propósito de elevar moralmente o indivíduo através da negação (FOUCAULT, 1982).

Nos próprios shows, como citado anteriormente no capítulo II, há por parte dos membros

das bandas momentos em que se falam sobre a diária negação através dos *core values* de forma a buscar um sentido coletivo para as significações construídas pelos membros diariamente em suas práticas ascéticas guiadas pelos *core values*.

Construção do processo saúde-doença

Neste ponto durante a pesquisa cheguei à conclusão que a própria construção do processo saúde-doença no movimento se confunde com os *core values*. Diferente do *fitness* e *healthism* destacados por Bizerril (2010) e Ortega (2003), a saúde aqui não é vista como um fim em si.

Aqui compreendo que a saúde é consequência da prática incessante dos *core values*, pois como apresentado na entrevista de um membro da cena *Straight Edge* de Brasília e por Haenfler (2006), o movimento vê a saúde como uma consequência de suas práticas e também como uma condição necessária para agir positivamente no mundo.

Na medida em que percebi através de meus informantes que existe no movimento uma tendência a aceitar diversas identidades na cena, articulei as teorias de Barth (1989/2010) que apresenta a cultura como heterogênea com a de Haenfler (2006) que descreve uma diversificada fauna existente dentro do movimento. A partir disto meu olhar pousou não apenas sobre a variação cultural dentro do movimento mas também para a variedade de identidades e consequentemente formas de construir o processo saúde-doença no grupo.

Durante a entrevista com o informante xJx, ele aponta para a influência que a participação no movimento teve em sua atitude de decidir praticar esportes. Contudo, não se trata aqui de apenas reproduzir a fala dos informantes, a prática de certas atividades físicas como as artes marciais parecem em alguns momentos terem uma função. Por exemplo, durante o *mosh*, os participantes que mais se destacam são aqueles que praticam artes marciais e utilizam de suas habilidades no momento.

Para além disso, as atividades físicas poderiam também ser suscitadas por outros motivos além da saúde. Na cena as tatuagens são muito presentes o que de certa forma exige um corpo em forma, na medida em que se deseja não apenas tatuar o corpo, mas mostrá-lo. Contudo, ao serem interpelados os sujeitos apontam para a saúde como a principal motivação.

A saúde parece encontrar-se não como o fim, mas um pré-requisito para o fim último do movimento. De certa forma a saúde nunca foi uma preocupação clara no movimento, mas uma consequência das práticas em busca da autoconsciência. Por exemplo, a banda “*MINOR THREAT*” ao iniciar sua jornada coloca a utilização do álcool como danosa a priori por “*fuck your mind*” e não necessariamente por seu efeito negativo no corpo. Há então implicitamente no movimento a adoção

do lema *mens sana in corpore sano*, onde o corpo é submetido às práticas a fim de dar subsídio para uma mente sã.

Por exemplo no grupo de *rap* vegano de Brasília “*MENÇÃO HONROSA*” o integrante que pertence ao movimento *sXe*, em uma entrevista para a revista *Vista-se*, como mencionado anteriormente no capítulo III, aponta para o cuidado do corpo como uma forma de proporcionar uma consciência plena. Meu informante *xMx*, ao falar sobre sua relação com as drogas passou uma percepção de que as drogas fazem com que o indivíduo perca tempo, não necessariamente falando sobre o dano físico mas neste ponto apontando para a perda de tempo de uma mente que poderia ter sido, segundo, suas palavras “mais produtiva”.

Comprometimento com a cena

Inicialmente a partir da literatura consegui compreender que no *Straight Edge* há um caminho que gera um crescente comprometimento com a cena e consequentemente um crescente engajamento social e político dos atores (HAENFLER, 2006).

Apesar de não ter acesso a membros na camada mais inicial do movimento, a partir das entrevistas de dois membros na camada intermediária e avançada de permanência e minha observação participante busquei articular a teoria com a realidade.

Em um das entrevistas, um dos meus informante lembrou de um evento no qual estávamos presentes há 4 anos atrás. Este comentário surgiu quando o argui sobre sua perspectiva da cena de Brasília e em sua fala ele ressaltou os frutos que surgiram daquele evento que funcionou como um canal de discussão sobre o que pensávamos e desejávamos realizar na cena de Brasília.

Em minha conversa com meu informante, ao retomar sobre esse evento, ele listou rapidamente algumas coisas que realizou, colocando em prática aquilo que foi discutido. Naquele mesmo ano estava engajado num grupo de jovens, realizou algumas palestras em escolas sobre drogas e ainda mencionou sobre a importância que a banda de meu outro informante (“*NOSSA ESCOLHA*”) teve ao se engajar na cena e auxiliar a organizar a 1ª Verdurada de Brasília.

Além disso, no ano passado durante o evento no estúdio de tatuagem, o qual mencionei no capítulo II, houve uma rápida “discussão” e brincadeira sobre os locais onde uma pessoa poderia ter uma tatuagem do movimento. Os locais mais visíveis como mãos, pescoço e rosto seriam segundo as “brincadeiras” dos presentes apenas para aqueles com mais de 5 anos de movimento. Esta singela brincadeira demonstra que o comprometimento com o grupo deve ser maior com o passar dos anos, o que lhe permitiria também apresentar visualmente sobre sua pele brasões do movimento, de forma que alguém por exemplo há um ano ou menos no movimento seria desqualificado para ostentar uma

marca tão explícita de pertencimento e comprometimento.

Em minhas observações participantes pude concluir na prática que aqueles com mais tempo no movimento apresentam consideravelmente mais tatuagens que remetem ao movimento, principalmente em locais visíveis. Durante um show da banda “*LOST IN HATE*”, verifiquei ao interpelar um colega, na época novo no movimento, o desejo de não se comprometer sem ter uma vivência ampla no movimento: “Não posso tatuar “vegan”, porque eu não sei se serei vegan mais pra frente. Eu posso ter uma filha e se ela tiver um problema e precisar tomar leite eu não estarei de acordo com a filosofia e além disso, não sei se é isso que quero em minha vida.”.

Veganismo

O veganismo como citei anteriormente, foi a forma mais expressiva de vegetarianismo presente no *Straight Edge* de forma que conseguiu influenciar o movimento durante todos os anos 90, como apresentado por Haenfler (2006). Em Brasília isto não foi diferente.

A banda “*XLINHA DE FRENTEX*” como apontado, pelo informante xMx, teve na cena de Brasília uma grande importância na disseminação do veganismo e ativismo político. Desta forma considero que seja de extrema importância analisar o veganismo na cena. Mesmo que hoje esta não seja a realidade de muitos dos *Straight Edges* da cidade, compreendo que de certa forma a identidade *sXe* foi formada através do discurso *vegan* que foi tão difundido na cena.

Ortega (2003) aponta para a importância da dietética, seja nas ascetes clássicas ou nas bioascetes, como afirmado anteriormente. Além disso, compreendo que não é possível se tornar *vegan* ou mesmo *Straight Edge* sem uma atitude de consumo consciente.

O veganismo na cena de Brasília como citei no capítulo III, foi amplamente difundido pela banda e acabou-se criando um estereótipo da necessidade de se ser *vegan* para ser *Straight Edge*, durante minhas observações participantes e em outro momento fui arguido por pessoas do movimento e de fora dele: “Você é *vegan* também?”. Em uma conversa informal com um membro da banda “*LOST IN HATE*” eu lhe fiz a mesma pergunta, e após contornar um pouco ele falou que não era *vegan*. Em minha entrevista com o informante xMx ele me fez a mesma pergunta. O que em minha análise, aponta que a identidade *sXe* e *vegan* acabaram por se associar na cidade de forma que parecem em linhas gerais estarem sempre juntas.

Na ascese cristã o jejum era uma prática interna a fim de complementar as práticas ascéticas (FOUCAULT, 1982) e de certa forma o *straight edge* assumiu em Brasília o veganismo como uma prática dietética do movimento que complementa os *core values* enquanto práticas ascéticas. Inclusive alguns participantes da cena fazem questão de demarcarem sua identidade não como

apenas *straight edge* e vegan, mas como *vegan straight edge*.

Em algumas conversas informais verifiquei que há um certo desejo em se tornar vegan, principalmente por parte de membros recentes no movimento, como se o veganismo garantisse um status. De forma que demonstre uma prática mais comprometida e complementar aos *core values*, algumas vezes já escutei: “Sou ovolactovegetariano ainda, mas pretendo ser vegan”. No meio eletrônico, principalmente em músicas, encontrei o mesmo discurso.

Para desidentificar meus informantes, decidi utilizar apenas a primeira letra de seu nome. É uma prática comum que os participantes do movimento utilizem seu nome entre um par de “X” o que identifica-os como participantes do *sXe*. Ao se colocar o próprio nome ou o nome da banda entre o par de “ X” o indivíduo afirma seu pertencimento ao movimento. Está é uma convenção usada no mundo todo por diversos *sXe*.

***Straight Edge Kids*³⁰: Participantes**

Em meu projeto de monografia inicialmente havia delimitado que gostaria de entrevistar *Straight Edges* em três momentos distintos: membros presentes na cena há mais de 5 anos, membros presentes na cena há 2-3 anos e membros presentes na cena há 1 ano ou menos. Contudo, devido a minha identidade de auto-etnógrafo consegui acessar apenas participantes presentes há cerca de 5 anos e há mais de 10 anos na cena, assim como Haenfler (2006) minha participação na cena tem sido esporádica o que me dificultou em acessar membros mais novos da cena.

Quanto aos participantes, realizei entrevistas com dois membros. Meus participantes centraram-se no nível intermediário e no nível avançado, o primeiro estando há 5 anos presente na cena e o segundo estando há 10 anos presente na cena. A idade foi um critério de seleção de entrevistados/as, sendo necessário que o entrevistado/a seja maior de idade para que possa assinar o TCLE e participar da pesquisa. O número de indivíduos não foi predeterminado, em conformidade com as características das estratégias de investigação de tipo etnográfico. HAENFLER (2006) descreveu a cena *Straight Edge* como um movimento de juventude e a dificuldade de encontrar membros ativos além da faixa etária de 25. Entretanto tive a oportunidade de entrevistar um membro que possui 10 anos ativos no movimento, e que me favoreceu me dando um panorama geral do movimento *sXe* e a sua ligação com a cena *punk* do DF.

30 Termo pelo qual muitos *Straight Edges* se intitulam, pois no início da cena a maioria deles era menor de idade e consequentemente não podiam beber, e aquilo que era tido como estigma se transformou em orgulho através do “X” pois os membros marcavam suas mãos para dizer que mesmo podendo beber eles não o desejavam e se orgulhavam disso (HAENFLER, 2006).

Materiais e Instrumentos

Para realizar meu campo utilizei-me de um gravador pessoal, arquivos recolhidos no meio virtual e em lojas, praças e shows e um diário de campo criado no editor de texto de meu computador. Ressalto a importância de minha identidade *halfie* que facilitou meu trânsito, reunir materiais como: documentários, músicas, entrevistas realizadas por outros e estar atento aos movimentos que ocorreram durante este um ano na cena de Brasília.

Capítulo V: Procedimento de construção de dados: quando o familiar se torna objeto de análise

Em minha análise do material de campo, utilizei os indicadores empíricos, a partir da perspectiva de GONZÁLEZ REY (2005), sendo compreendidos através de um sistema formado por significações e sentidos subjetivos (que levam em consideração entonações, pausas, expressões e contextos) e que invariavelmente são produzidos na relação entre o indivíduo e a cultura.

Utilizei-me de uma estratégia de análise qualitativa caracterizada por categorias analíticas construídas a partir das entrevistas tendo apenas como categorias pré-definidas a ascese e os *core values* do movimento, bem como do processo saúde-doença, tendo assim a possibilidade de trabalhar sem estar a mercê de meus instrumentos (MADUREIRA e BRANCO 2001).

Na medida em que retornei do campo entrei em um processo de racionalização, buscando sob o *Iugum*³¹ da teoria dialogar com os fenômenos que antes me eram imperceptíveis. De certa forma, ao sustentar uma identidade de antropólogo *halfie* encontrei em meu “retorno” do campo exatamente aquele *Anthropological Blues* Da Matta (1981) descreveu. Mas ao sentar-me e exercer o ofício da escrita (OLIVEIRA, 2006/2008) fui pouco a pouco encontrando o *Antropological Rock* de qual Bittencourt (2011) dizia ter encontrado ao estudar o *Straight Edge*.

Uma vez que lancei meu olhar treinado pela etnografia, passei a observar aquilo que me era normal a partir de um olhar etnográfico (OLIVEIRA, 2006/2008). Na medida em que escutava alguma música antes comuns para mim, conversava informalmente com alguém ou entrevistava alguém formalmente, o meu ouvir passou a complementar meu olhar na medida em que passei a eliminar ruídos insignificantes e me foquei em conhecer, em reencontrar aquilo que já conhecia sob um aspecto científico, além de abrir um canal de mão dupla, de troca com aqueles com quem mantive contato (OLIVEIRA, 2006/2008). Ao retornar e finalmente escrever sobre aquilo que encontrei em campo e que li verifiquei que o ato de escrever seria mais uma parte da comunicação que estabeleci com meus pares (OLIVEIRA, 2006/2008), percebi na fala daqueles que entrevistei uma certa ansiedade sobre o produto final de minha pesquisa.

31 “*Iugum*, “o jugo”, do verbo *iungere*, “atrelar unir”, era formado por três lanças: duas fincadas na terra em posição vertical, encimadas por uma terceira no sentido horizontal. Sob o jugo, que simbolizava a sujeição ou a escravidão, passavam os vencidos” (BRANDÃO, 1996 p. 50). Contudo, neste contexto estar sob o jugo não implica em ser escravo, mas utilizar a perspectiva teórica como base para minha análise, o que implica em ganhos e em algumas perdas pois claramente é necessário se delimitar aquilo o qual a teoria poderá abarcar.

Análise: estranhando o familiar

xJx – Veganismo e Straight Edge: uma forma de vida produtiva

xJx é um *Vegan Straight Edge* que está presente na cena há 5 anos, é músico e já foi parte da banda “*NOSSA ESCOLHA*”. Em sua entrevista foi possível notar um crescente comprometimento com a cena devido sua longa participação na cena. Realizarei análise de sua entrevista a partir das categorias analíticas que foram previamente definidas.

Em sua entrevista ele apresentou o *sXe* como uma possibilidade de mudança, uma possibilidade de se livrar de alguns problemas, como ele mesmo afirma problemas com drogas lícitas e inclusive conflitos familiares.

De certa forma, o *sXe* é visto como uma oportunidade de recomeço, apagar alguns eventos do passado e mudar ter a possibilidade de modificar sua conduta. Durante a observação participante tive também a oportunidade de encontrar *sXe* que nunca experimentaram nenhuma droga ilícita ou lícita e que optaram pelo movimento como forma de manter sua conduta.

A adoção dos *core values* não implica simplesmente em assumir uma postura rígida de conduta mas em última instância aponta para a possibilidade de um apoio social, pois no grupo há uma certa vigilância sobre a conduta dos outros indivíduos e além disso auxílio através da *brotherhood*.

A entrevista foi realizada no local de trabalho do informante, um local movimentado e que de certa forma é um ponto de encontro da cena *underground* de Brasília, o Conic. Frequentemente em minhas observações neste local verifiquei que pessoas participantes, ou não, do movimento tendem a passar um tempo conversando no local. Em uma oportunidade neste local, fui apresentado à um membro da banda “*LOST IN HATE*” e em outras oportunidades apresentado a outros membros da cena. Por isso, argumento que há na cena de Brasília uma rede proxêmica efetiva, devido ao baixo contingente de membros na cidade.

Core Values

Neste ponto considero interessante indicar que a fala do entrevistado não apresentou os *core values* de forma sistemática como na literatura de Haenfler (2006). O que me levou a pensar novamente no ofício do etnógrafo na medida em que descrevemos uma cultura.

Em minha primeira pergunta questioneei meu informante sobre o que ele considerava ser o *Straight Edge* e recebi prontamente a seguinte resposta: “pra mim é coisa simples, é juventude punk

livre de drogas isso, somente isso.”(xJx – *Vegan Straight Edge*). A partir desta resposta me veio o argumento de Barth (1989/2000) sobre a heterogeneidade da cultura. Pois a priori considerava que o sXe, pelo menos em meu ponto de vista, já havia se separado completamente do *punk rock* mas me deparei em pleno campo com a convivência plena entre os dois.

Há de certa forma, através da fala do meu informante por trás de sua resposta uma defesa de sua identidade, pois o mesmo afirmou em outra parte da entrevista ter um engajamento com o movimento *punk*. Assim sua fala também serve ao propósito de utilizar os *core values* como uma ligação ao *punk*, e consequentemente sua identidade.

Segui adiante minha entrevista até que fiz o questionamento para o meu informante sobre o que o diferenciava, por exemplo de uma pessoa que não fazia parte do movimento e não utilizava drogas. “...como eu posso te explicar melhor... tipo droga tem vendendo em todo lugar, até dentro de igreja. Então a opção de não uso é uma batalha, todo dia a gente luta contra corrente tipo. Então é uma luta, que a gente tem que lutar contra essas barreiras, é algo que eu gosto bastante.” (xJx – *Vegan Straight Edge*)

A partir desta fala presente, verifiquei que mesmo sem sistematizar os *core values* é possível encontrar o discurso de meu informante alinhado com aquilo que Haenfler (2006) afirma ser o que guia as ações de seus informantes em outro país que possui uma cultura totalmente diferente do Brasil. Assim, penso que os *core values* sejam tão importantes quanto o ritual na manutenção do sentimento de pertença presente no movimento (MAFFESOLI, 1998). Como disse anteriormente, há uma necessidade por parte dos membros de ressaltar suas práticas ascéticas, ao afirmar que todo dia lutam contra essa tentação e que gostam dessa luta. O informante aponta para essa tensão entre prática ascética e desejos que podem ameaçar o que ele busca cultivar com as práticas.

Em um determinado momento da entrevistas perguntei ao meu informante sobre o que ele achava da cena de Brasília e ele rapidamente falou sobre a presença de várias identidades *Straight Edge* e afirmou que isso é uma coisa extremamente positiva para que a cena seja hoje o que é.

A cena de Brasília? É assim, tem seus altos e baixos e dentro das posturas de cada um, acho que cada um vê o *straight edge* do seu jeito. Acho que é positiva. Outras pessoas tem outras ideias, mas cada um sabe conviver muito bem entre nós. Mas a galera mais tipo do *moshcore* tanto mais a galera *punk*, mais a galera do *trashmetal*, tem muita galera do *trashmetal* que é *straight edge*. Cada um é um *straight edge* mas gosta de outros vínculos, isso também é uma das formas que cada um é *straight edge* mas cada um vai juntando uns pedacinhos de cada coisa isso que eu acho interessante. (xJx – *Vegan Straight Edge*)

A partir da fala de meu informante considero válido mencionar que o *Straight Edge* e suas práticas ascéticas cristalizadas nos *core values* podem ser compreendidos como uma filosofia de vida, não é necessário que você siga exatamente um padrão estético para se encaixar mas é extremamente necessário que você conheça e aceite os *core values*. Por isso, acho importante

ressaltar a importância destes *core values* para a manutenção do movimento.

Processo saúde-doença

Neste ponto, perguntei ao meu informante sobre se o *Straight Edge* influenciou em seu estado de saúde atual.

...isso foi em 2007, estava passando por alguns problemas, bebia direto. E também outros problemas que eu tinha de questão familiar mesmo, e então, o *straight edge* me ajudou a superar, acabei querendo saber mais e mais até que em um momento eu falei: é isso que eu quero pra minha vida, é isso que eu quero seguir mesmo. E então até hoje estou muito feliz e não quero largar nunca porque foi um benefício tão grande para mim que tipo é impossível falar: caralho, não vou ser mais. (xJx – *Vegan Straight Edge*)

A partir desta fala considero importante ligar os *core values* com este processo de construção do processo-saúde doença. O informante afirma aqui que os *core values* lhe proporcionaram uma nova perspectiva a respeito de sua saúde. Contudo é necessário ressaltar que a própria adoção dos *core values* pode fazer com que o indivíduo encare sua conduta anterior como reprovável, segundo a moral do grupo do qual agora faz parte e não necessariamente que suas práticas sejam a causa do benefício para sua saúde. O fato de ter parado de fazer uso de certas substâncias poderia ter trago o mesmo benefício independente dos *core values*, mas para o indivíduo a associação da prática de negação do uso de certas substâncias e os *core values* constroem subjetivamente seu processo de significação sobre saúde-doença.

O processo de saúde-doença não é algo desconectado das outras facetas da identidade de meu informante. Como *Vegan Straight Edge*, disse-me que, para ele, a junção de uma postura *Straight Edge* e *vegan* foi algo importante pois uma coisa levou a outra. Em sua história de vida ele se tornou primeiro *Straight Edge* e a partir da tomada de consciência, segundo ele, houve um trânsito para uma identidade vegana também o que, lhe proporcionou uma busca pela saúde.

*Sim, bastante até então o veganismo me proporciona estímulo para realizar atividades físicas e isso está sendo bem positivo para mim, desde que eu comecei a ser vegano...não tenho nada de reclamar desde então, antigamente então quando eu usava algumas substâncias. bebia e até fumava mesmo e isso meio que debilita o corpo, causa mal estar e essas coisas então eu dei um tempo e foi aos poucos mudando, foi melhorando mesmo, pelo menos no meu ponto de vista estou cada vez melhor. (xJx – *Vegan Straight Edge*).*

Neste ponto meu informante apresenta o discurso do grupo sobre os motivos para se deixar de utilizar certas substâncias como o seu próprio discurso. Poderiam haver outros motivos que poderiam levá-lo a deixar de fumar e beber (como a religião), mas a questão aqui é compreender o porque do discurso *Straight Edge* ter sido escolhido como base para estas mudanças. Neste ponto é importante compreender o sentido (GONZÁLEZ REY, 2005) que o discurso *sXe* tem para o indivíduo. Verifica-se que ele estava presente na cena *underground* durante o período que fez uso

das substâncias, logo se torna muito mais plausível que um discurso dentro do contexto *underground* (o *sXe*) lhe atinja. E por estar presente neste contexto possa produzir mais sentido para o entrevistado do que por exemplo, o discurso encontrado em algumas religiões, como o discurso das igrejas evangélicas contra a bebida.

O *Straight Edge* apresenta-se como uma das formas de significação e elaboração do processo saúde-doença possível. Acima afirmei que o meu informante poderia ter utilizado a religião como fator de significação, todavia há no *healthism*, um fator de significação e organização em torno do processo saúde-doença a partir da autoperícia do corpo (ORTEGA, 2003). A diferença é que a prática do *healthism* é voltada apenas para o corpo com conceitos que podem ser quantificados como *Body Fat (BF)*, enquanto que a partir de uma significação a partir do *straight edge* há uma série de conceitos abstratos como a noção da postura *hardcore*.

Compreendo que o processo saúde-doença, no caso de um *Vegan Straight Edge*, passa não apenas pelos *core values* e pela própria dietética vegan em busca de uma boa qualidade de vida, mas também por um processo de significação onde a vida pregressa do indivíduo o leva a simpatizar ou não com o discurso apresentado pela tribo. O *sXe* torna-se então um dos muitos rearranjos possíveis (CASTRO, 2002) da cultura, uma forma diferente de significar o processo, o foco então está na forma como o indivíduo irá significar o processo, o que é de extrema importância para pacientes com Síndrome do Membro Fantasma, Câncer ou qualquer outra doença física ou psíquica.

Comprometimento com a cena

Por se tratar de um membro presente na cena há alguns anos, que considero pertencer a uma camada intermediária do grupo, compreendo que houve um crescente comprometimento com a cena por parte de meu informante. Há cerca de 2 anos após entrar no movimento, ele fez parte da banda Nossa Escolha que, segundo xMx foi uma banda de extrema importância para a cena, responsável pela movimentação da cena em torno da 1ª Verdurada do DF.

Ao perguntar ao meu informante sobre como era para ele participar de uma banda dentro da cena recebi a seguinte resposta:

Então muitas pessoas falavam quando eu estava tocando com banda, da questão das letras: de uma coisa mais positiva, que passavam informações mais positivas assim questão de escolha de vida mesmo. Tanto de *straight edge* como da forma de lutar contra barreiras, o que a vida coloca cada para cada um. (xJx – *Vegan Straight Edge*)

O informante apresenta em sua fala uma necessidade de se alinhar em suas práticas com os *core values* do movimento. Na medida em que tenta passar mensagens positivas, introjeta as práticas do grupo para guiar suas ações, assim como no processo saúde-doença ele utiliza o discurso

do grupo para dar significado às suas ações.

Resolvi então perguntar para meu informante sobre um momento em que ele percebeu que sua atuação como músico havia surtido algum efeito:

...porque muitas músicas, pelo menos o que as pessoas falavam, a gente escreve o que a gente sente mesmo e outras pessoas falam assim: caraca, velho, tal parte da sua música se enquadrou no momento em que eu tava e me fez superar! Isso é bastante positivo dentro do *Straight Edge* então pelo menos dentro de música, foi bastante gratificante poder ajudar uma pessoa que estava passando mal e etc, foi o que mais valeu a pena para mim em questão de banda tocar e tal. (xJx – *Vegan Straight Edge*)

Há uma sensação de *brotherhood* na medida em que o informante se sente responsável por auxiliar os outros com suas mensagens. De certo modo, este mesmo efeito poderia ser causado utilizando-se qualquer outro gênero musical, mas o *Straight Edge* clama sua característica positiva como causadora deste efeito, há de certa forma uma sensação de amizade entre os membros do grupo: “Então rola muita amizade assim, entre o grupo *Straight Edge*, aí tipo assim as pessoas sempre tentam uma ajudar a outra, até então outras pessoas que não são.” (xJx – *Vegan Straight Edge*). Os laços constituídos pelo pertencimento ao grupo geram uma *proxemia*, como aponto no capítulo II, onde ao delimitar a cena de Brasília exponho a sensação de proximidade que o grupo cria pois expõe todos os membros a um contato, mesmo que indireto.

Isto me levou a questionar sobre os “caídos” que, segundo Bittencourt (2011), são ostracizados do movimento e de certa forma “esquecidos”. Em sua fala xJx se mostrou bastante tolerante quanto a isso, para ele é algo natural que pessoas entrem e saiam do movimento sem que isso cause uma mágoa, como Bittencourt (2011) afirmou ocorrer em São Paulo.

A então, entre as pessoas que se desagregaram do *straight edge*, isso é normal. A escolha de começar a ser quanto a escolha de não ser mais. Cada um tem sua escolha cada um tem sua cabeça, acho que cada um sabe o que é melhor para si tanto o *straight edge* ou não *straight edge* aí é isso. (xJx – *Vegan Straight Edge*)

Há na cena de Brasília uma certa tolerância por aqueles que deixaram o movimento e para as diversas formas de identidade presentes nele, pelo menos no discurso do informante, Bittencourt (2011); Haenfler (2006) encontraram em seus trabalhos de campo uma hostilidade quanto àqueles que deixam de ser membros do movimento. Em meu campo encontrei em outros momentos também a presença de hostilidade para com aqueles que deixam o movimento, uma certa sensação de “traição”, como se aquele que abandona este modo de vida traísse seus companheiros, quebrando o elo formado pela *brotherhood* e conseqüentemente seu comprometimento para com a cena.

Veganismo

Inicialmente meu informante definiu o veganismo presente no *straight edge* como: “Sim,

uma das formas também de libertação animal, coisa assim que eu gostei bastante assim dentro do *straight edge*, essa forma do veganismo que é uma das posturas mais lindas que eu encontrei em vida.”(xJx – *Vegan Straight Edge*). Como ressaltado anteriormente de certa forma o veganismo influenciou meu informante a buscar além do consumo consciente também a prática de esportes em busca de uma saúde. Aqui levo em conta a produção da identidade *sXe* ser colada ao veganismo em Brasília o que apesar de não influenciar diretamente nas escolhas dos membros as torna mais plausível, pois eles estão mais suscetíveis a entrar em contato com o discurso vegan do que por exemplo um participante da cena *heavy metal*.

A partir disto questioneei meu informante se ele sentia que no *Straight Edge* há uma certa “pressão” ou desejabilidade pela identidade vegana, fiz esta pergunta guiado pelo que Haenfler (2006) apresenta quanto a necessidade de se tornar vegetariano no *sXe*.

Straight edge e veganismo, então assim há muitas pessoas que são veganas e não são *straight edge* e que são *straight edge* e não são veganas. Isso pra mim acho que isso é de cada pessoa mesmo a forma de pensar de se adequar ao modo, para mim eu escolhi isso, tipo o veganismo e o *straight edge*. Para mim é uma das formas mais éticas que eu posso dizer das duas coisas, acho que as duas coisas encaixam uma dentro da outra, isto no meu ponto de vista xJx. (xJx – *Vegan Straight Edge*).

Desta forma, o veganismo é muito presente na cena de Brasília, principalmente devido a atuação da banda “*XLINHA DE FRENTEX*” o que acabou criando aqui o estereótipo de que para ser *sXe* é necessário ser vegan. Durante o período em que a banda ficou ativa eles foram a “cara” do movimento na cidade o que contribuiu para a sustentação deste esteriótipo.

Por fim, verifiquei na fala de meu informante assim como no caso dos *sXe* uma vontade de disseminar também a postura vegan.

entre o veganismo eu queria falar mesmo sobre os benefícios mesmo que foi para mim o não apenas o não consumo da carne, mas também quanto da indústria que eu acho bizarra, o desmatamento gerado por ela, então, o veganismo pra mim mesmo é uma forma muito linda de vida junto com o *straigh edge*. O que eu queria deixar é que o veganismo é uma das formas de vida, que serviu pelo menos para mim, uma das melhores coisas que aconteceu para mim. E se alguém quiser conhecer mais e se aprofundar acho que vai ser algo bastante produtivo tanto em questão de filosofia quanto em questão de música. Então é isso.

Compreendo que o veganismo presente na cena vai muito além de uma simples dieta em busca da saúde, percebo que há um engajamento também com questões além dos direitos dos animais como o ambientalismo, saúde e financiamento de grandes empresas que realizam ações não éticas.

xMx – Straight Edge: um novo começo

Core Values

xMx já é membro da cena há 10 anos, mas já teve contato com a cena há mais tempo. E de certa forma em seu histórico de vida o *sXe* apareceu como uma possibilidade não de consertar seu passado, mas olhar para frente sem ter o fantasma do passado em seu encalço. É um membro com um comprometimento forte para com os *core values*, mesmo que esteja se afastando paulatinamente do circuito de sociabilidade.

Como apresentei na fala de meu informante anterior, a escolha por seguir o *Straight Edge* tem sido algo muito pessoal. Pessoas distintas seguem o movimento pelos motivos mais diversos. E é isto que torna o movimento rico pois há diversas identidades, muitas vezes conflitantes, convivendo juntas em um clima de tolerância, ao menos aqui em Brasília.

O *straight edge* é mais do que uma escolha, o *straight edge* pra mim foi a particularmente a possibilidade de um recomeço. Eu me tornei *straight edge* entre os 23 24 anos depois de ter militado como *anarcopunk* 12 anos. E quando eu decidi ter me tornado *straight edge* eu estava preso. Embora minha passagem pelo movimento *anarcopunk*, os seis primeiros anos, fosse uma realidade que tivesse uma empatia com o movimento *straight edge* a gente não sentia a necessidade de se assumir *straight edge*. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Há então como dito anteriormente, uma dimensão ascética nos *core values* que da mesma forma que argumenta Ortega (2003) pode levar o indivíduo a trocar um tipo de subjetividade para outro. Meu informante em sua entrevista mostrou arrependimento pelo tempo que perdeu, envolvido com drogas, o que para mim implicaria na transição de uma subjetividade para outra. Neste caso, como o meu próprio informante afirmou, a possibilidade de um recomeço.

Durante a entrevista em um determinado momento meu informante afirmou a importância dos valores aprendidos na cena *hardcore* para a sua formação enquanto indivíduo: “se eu tenho algo de concreto na minha vida hoje, foram as coisas que eu aprendi dentro da esfera *hardcore*, os meus valores até aquilo que eu creio hoje, tem muito mais de *hardcore* do que as pessoas possam imaginar.” Este valores vivenciados dentro da cena extrapolam a dimensão do grupo para a esfera da vida pessoal de cada participante. Como disse anteriormente, cada um transfere para sua vida de um modo pessoal os *core values* seja através de músicas, zines ou mesmo a ação positiva no mundo. Este meu informante por exemplo tornou-se pastor e afirma que:

na história do *sXe* em Brasília algo me marcou ao ponto que eu trago isso como pastor e quando me pergunta acerca do meu *x* na minha mão, das minhas tatuagens, das minhas roupas e da música que eu ouço e da forma como eu me visto. Eu falo, eu sou cristão e sou *sXe* e isso gera em mim um

leque de possibilidades, então se existem fatores que marcaram para mim nesses 10 anos na história do *sxe* (xMx – *Vegan Straight Edge*)

A forma como meu informante utiliza os *core values* apresenta claramente a afirmação de sua mudança de subjetividade. Além disso, a partir da fala de meu informante surgiu a questão do *Straight Edge* como uma ferramenta de proteção dos jovens nas periferias assim como no *hip hop*, *rap* e *break*. Todavia meu informante coloca o *sXe* como uma forma diferente, o que ao meu ver pode se enquadrar em uma defesa de sua própria identidade, na medida em que tenta a diferenciar de outros movimentos que também tem um trabalho no âmbito de afastar os jovens das drogas.

E no que tange a esse paralelo, entre o mundo das drogas e a escolha do *sxe*, que ele é a única arma na periferia, no meu ponto de vista, que pode ter a eficácia garantida porque ele não trabalha na perspectiva educacional. Digamos assim, tentando tirar o indivíduo do seu meio ele não usurpa de mim a minha expressão, ele transforma a minha expressão cultural, o meio que eu vivo, o grupo no qual eu faço parte em algo que possa ser compartilhado que possa ser dividido, sem roubar de mim a minha identidade.

Os *core values* atuam como um meio para um fim maior, o cuidado com a vida e uma *self actualization* do indivíduo buscam proporcionar a ele uma expansão de consciência que lhe permita tomar decisões “acertadas”, segundo a moral do grupo. As práticas ascéticas não se encerram em si mas preparam o caminho para uma “libertação” daquilo que é tido pelo grupo como uma alienação: o uso de drogas e consequentemente a autodestruição. Além disso, há na fala do meu informante uma defesa de sua identidade na medida em que ele coloca as práticas *sXe* melhores do que as de outros movimentos. Há de certa forma uma valorização da significação que ele construiu ao redor dos *core values*.

Processo saúde-doença

O *Straight Edge* surge no histórico de vida de meu informante como uma possibilidade de um recomeço, como a possibilidade de deixar para trás algumas práticas. Diferente das demais subculturas, o *Straight Edge*, segundo meu informante, é a única que apresenta uma luta ativa contra as drogas e suas consequências na saúde, consequentemente para ele o *sXe* foi o fator de elaboração que lhe permitiu sair da lógica de abuso de drogas. Relativizando a fala de meu informante percebo que há uma tendência a ver o *Straight Edge* como o único movimento capaz de lidar com o abuso de drogas, enquanto que há no *hip hop*, por parte de alguns membros essa mesma tentativa.

não só eu, mas a grande maioria do movimento *anarcopunk* em Brasília era anti drogas. Mas aí por por conta de questões de ordem social e o envolvimento que eu tive com pessoas, acabou me inserindo no mundo das drogas. Houve essa questão de eu ser preso e na cadeia eu pensava assim:

cara, eu não vou conseguir continuar vivendo como eu vivi nesses últimos seis anos e a única alternativa que eu tenho é o *straight edge*. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Meu informante apresenta, segundo sua experiência, que para ele o movimento *anarcopunk* não consegue lidar com a questão da drogadição. Considero válido levantar uma diferenciação entre o movimento *anarcopunk* e o *sXe*. No primeiro, há a luta pela liberdade, enquanto no segundo, há a utilização de práticas sistemáticas de ascese, isto é, um se manifesta extremamente libertário enquanto o outro exige disciplina. Mesmo existindo uma movimentação contra a droga faltava algo no *anarcopunk* que apenas o *sXe* conseguiu suprir: *core values* (práticas sistemáticas e padronizadas) pois a própria filosofia anarquista e niilista não possibilita que se sustente valores comuns a todos, pois isso em uma perspectiva anarquista seria uma ditadura. Por fim, acho importante marcar a importância que estas práticas sistematizadas de ascese tiveram na organização psíquica de meu informante para o enfrentamento do abuso de drogas.

muitas vezes, o contexto contracultural não consegue absorver de maneira integral o significado da própria liberdade, porque se autodestruir, se automutilar não pode ser visto como uma questão de liberdade. Na verdade ela é um exercício de um aprisionamento da pessoa humana. Ela está tão presa que a única coisa que resta para ela é se autodestruir. Pode parecer estranho mas é a forma como eu vejo. Então assim para fechar essa primeira pergunta o *straight edge* é uma possibilidade de libertação em todos os aspectos. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Desta forma, é possível notar na construção do processo saúde-doença uma preocupação com os limites entre liberdade e autodestruição. A promoção da saúde em uma cultura anti drogas vai pela via de se pensar de forma crítica algumas atitudes, como o uso de drogas ou a destruição de si através de práticas não saudáveis. Diferentemente encontramos no Taoísmo outras práticas que visam o envelhecimento com saúde (BIZERRIL, 2010), que vai por uma via diferente do *Straight Edge* e produz uma outra forma de significação da saúde.

Além disso, há uma preocupação com o consumo de forma não só a promover a saúde mas também de olhar de forma crítica as intenções, seja do governo seja das empresas, como argumentam Achbar, Abbott e Bakan(2003); Froer (2009); Haenfler (2006); Monson (2005) e Portilho (2005).

A grande verdade é que se a gente for avaliar a história da droga no mundo, a gente vai chegar a conclusão que o próprio sistema ali a partir da guerra do Vietnã patrocinou a difusão do uso das drogas. O governo norte americano lançava maconha para os soldados ali em pleno campo de batalha. E avaliando a realidade do mundo hoje, não só ao que tange ao *crack* mas o remédio que você compra ali na farmácia, ou seja o mercado farmacêutico não gira em torno de gerar receita, quando eu digo receita é gerar recurso para a população gerar uma possibilidade de saúde, de educação. A indústria farmacológica é o indício de que o nosso próprio sistema político, hoje tem a droga como uma ferramenta, as grandes indústrias farmacológicas no que tange a aids as doenças mais simples eles não estão buscando curar alguém. Eles estão buscando manter um mercado, a questão dessa droga marginalizada que não é uma droga que você compra na farmácia, no bar na padaria essa droga na verdade. Ela só causa um dano maior porque ela não promove receita pro sistema, porque se ela gerasse receita como o cigarro e o álcool geram não haveria problema então

o sistema não vê essa questão da droga como um problema de saúde eles veem essa questão como um problema mercadológico. Se não gera receita pra nós não é interessante a gente deixar que a droga tenha todo esse valor comercial sem que nos tenhamos a possibilidade de tirar nossa parcela dela. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

O processo de saúde-doença no *sXe* possui uma lógica diferente da medicina intervencionista, há uma produção de significado sobre manter sua saúde e evitar debilitá-la como é explicitado no grupo de *rap* “*MENÇÃO HONROSA*”. Contudo, levando em consideração a subjetividade daquele indivíduo, levando em consideração o contexto no qual ele vive e a sua própria identidade. Isto, como afirmado anteriormente é o que propicia a existência de diversas identidades dentro do movimento.

...o *sxe* foi uma ferramenta de libertação, porque eu me libertei das drogas usando a identidade que eu usava dos 14 aos 23 anos que foi quando eu me envolvi com o *hardcore*. E isso é muito gratificante cara quando você pode usar algo que formou você como homem como uma ferramenta pra se proteger. Um escudo foi *sxe* no que tange as drogas pra mim foi um grande escudo porque eu lembro que muitas vezes eu tive de ficar de condicional. Durante um tempo assim que eu saí da cadeia e eu lembro que eu escutando Xlinha de frenteX eu chorava, saca? Porque eu ficava cara como eu perdi tempo, como eu perdi tempo, como eu podia ter sido mais produtivo quantas noites desperdiçadas e desperdiçadas mesmo da maneira mais desgraçada que um ser humano possa desperdiçar sua vida. Em alguns momentos eu desperdicei não por conta do vício, porque eu não cheguei a ser um usuário compulsivo, mas aí que está o grande problema porque até que a droga cause essa compulsão ela consegue gerar esse *glamour*... (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Verifico a partir da fala de meu informante que há dentro desse processo de saúde-doença uma transição de uma forma de vida reativa para uma forma de vida ativa, seja no que tange à própria saúde ou à agência no mundo, uma nova forma de elaboração e significação que lhe ajudou a passar de uma subjetividade para outra. Como meu informante fala, há uma sensação de ter sido improdutivo enquanto gastava seu tempo e sua própria vida com a droga, este tempo sob uma perspectiva de vida positiva poderia ter sido utilizado com uma agência positiva no mundo.

Comprometimento com a cena

Anteriormente mencionei que o *Straight Edge* devido a sua característica ascética possui como fim último não apenas a sociabilidade, mas um fim maior, uma tomada de consciência e consequentemente uma agência positiva no mundo. Durante sua fala, meu informante mencionou que dentro destes 10 anos de participação no movimento uma de suas conquistas foi a educação de sua filha, que segundo ele possui muito do *Straight Edge* em suas ações.

Esse ano fez 10 anos. Foram 10 anos de descoberta acerca dos meus limites, acerca daquilo que inclusive eu posso transmitir pra minha própria filha. Sou vegano e minha esposa e filha são ovolactovegetarianas. Às vezes é complicado viver com isso mas por outro lado é inspirador. Muitas coisas que minha filha diz pros amiguinhos, como ela se comporta dela tem muito do *straight edge*. E esse é o meu maior troféu, a forma como ela se relaciona com alguns amigos. Ela tem treze anos e já tem amigos que já usam droga. Ela estuda em um colégio razoável... e contou que em algumas oportunidades ela viu amigos usando droga e eles ofereceram drogas pra ela, e ela disse que todas as vezes que oferecem drogas pra ela ela fala: “pai eu lembro do x na sua mão e

lembro de tudo que você me ensinou”. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Muito mais do que um comprometimento com a cena, consigo enxergar que meu informante apresenta um comprometimento com suas ações de forma que elas possam influenciar os outros positivamente. Isso lembra de certa forma a agência proporcionada pelas ascetes clássicas onde a ascese é uma preparação para a vida política (ORTEGA, 2003), contudo expando aqui o conceito de política para a própria forma com que o asceta se relaciona com seus pares.

Enquanto ao comprometimento com a própria cena *Straight Edge*, há na fala de meu informante uma preocupação com a manutenção da mesma, para que ela não perca suas características basilares, ou seja os *cores values*. Haenfler (2006) aponta várias mudanças no *sXe* a partir de várias influências distintas, contudo há certos aspectos que não se alteram significativamente: *core values*. É importante notar que apesar de toda a plasticidade de identidades presente na cena eles representam aquilo que é central para o movimento.

E é algo que a gente precisa resgatar na cultura *sxe*, a gente precisa despertar na cultura *sxe* não um glamour no que tange a nós *sxe*. A palavra glamour a nós não se enquadra, mas uma paixão pela decisão que tomamos, um orgulho frenético por aquilo que representamos. Pela alternativa que podemos ser para a juventude. Isso precisa ser frequentemente evidenciado, nas nossas letras, roupas nas nossas tatuagens na forma na qual nos relacionamos. E eu volto a repetir, o *sxe* no que tange a cultura suburbana a subcultura é uma possibilidade de cura para a juventude. Não só pela sua negação as drogas mas pelos valores que a cultura *sxe* abarca. (xMx – *Vegan Straight Edge*)

Minha identidade de auto-etnógrafo me proporcionou a oportunidade de compreender o que meu informante falou quanto à necessidade de demonstrar apaixonadamente o orgulho pela decisão que tomamos. No ano de 2011 houve um evento realizado em um notório estúdio de tatuagem, mencionado anteriormente, onde um membro da banda “*XLINHA DE FRENTEX*” que é também tatuador e outros amigos que fazem parte do movimento prepararam várias *tattoo flash's*³² com a temática *Straight Edge* para comemorar os 30 anos de movimento. Nesta oportunidade pude verificar vários *Straight Edges*, em diversos níveis de comprometimento, ali, em torno da comemoração do ideal em suas peles nesse momento compreendi a tatuagem como um ritual típico do grupo. Meu informante possui várias tatuagens com temáticas *Straight Edge*, e principalmente o X tatuado nas mãos, o que invariavelmente torna visível sua escolha.

Veganismo

Na fala de meu informante pouca coisa foi apresentada nesse quesito. Contudo, ele colocou a importância e o orgulho que ele tem de sustentar uma identidade vegana. A partir de sua história

32 Tatuagens em uma modalidade com valor mais acessível, o desenho já é previamente feito pelo tatuador e aquele que deseja se tatuar apenas escolhe o desenho já pronto.

| de vida considero, que o veganismo foi um passo lógico por seu comprometimento com causas sociais e ambientais maiores. O que pode se ligar ao seu discurso sobre ser produtivo, na medida em que ele reorganizou sua subjetividade a partir do discurso vegan e *sXe* dando um significado produtivo para sua vida.

Durante sua fala ele mencionou que sua esposa e filha são ovolactovegetarianas e falou que isso de certa forma causa uma dificuldade. Contudo como ele mesmo afirma em sua fala o que é de mais importante na cena de Brasília é a tolerância, mesmo que ele tenha citado principalmente, na fala dos informantes, a tolerância religiosa creio que há na cena de Brasília um espaço para cada identidade *Straight Edge* que possa ser imaginada. E isto reflete-se em sua ação de conviver diariamente com uma ideologia diferente da vegana e manter a compostura. Além disso, há de certa forma em sua fala a ideia de se engajar socialmente, que é requerido tanto pelo *sXe* quanto pelo veganismo o que o leva a tentar difundir o discurso vegan *straight edge*.

Considerações finais

Creio que a parte mais difícil na pesquisa etnográfica seja a volta do campo, pois é neste momento que de certa forma fazemos um autoexorcismo (DA MATTA, 1981) na medida em que utilizamos o conhecimento obtido em campo para questionarmos a nossa própria cultura.

A partir deste 1 ano de estudo científico sobre aquilo que para mim era tão natural quanto respirar creio que consegui produzir algumas reflexões, não só ao que tange o próprio *Straight Edge* mas ao que tange a própria cultura brasileira.

Algo que me chamou bastante a atenção na literatura de Haenfler (2006) sobre o *Straight Edge* foi a afirmação do autor de que para os participantes nos Estados Unidos uma vez que você abandona o *sXe* não é possível seu retorno. Durante minha análise do material de campo sobre a cena de Brasília escutei em conversas informais, entrevistas e inclusive verifiquei no meio virtual que esta questão do “caído” é uma questão relacional.

Ao utilizar-me desta ideia, parto da perspectiva de Da Matta (1997), segundo o qual a nossa cultura é eminentemente relacional. A partir do momento que me propus a analisar a cena de Brasília entraram em cena outras questões: o movimento nasceu nos Estados Unidos da América e o povo brasileiro é extremamente diferente dos americanos.

A partir destes questionamentos e a análise de material em campo verifiquei que esta questão de cair ou não do movimento é muitas vezes uma via relacional, em nosso país você pode ter caído mas pode se levantar novamente, como um dos meus informantes afirmou na rede social *facebook*, com a ajuda de companheiros, e manter uma identidade *Straight Edge* ou você pode cair e decidir cortar laços totalmente, este segundo tipo de “caído” corresponderia à afirmação de Haenfler (2006). Pois, devido nossa característica eminentemente relacional, ele de fato não voltaria ao movimento pois não teria mais relações sociais que lhe legitimem no movimento, o que aponta para algo que é de cabal importância para nos brasileiros: relações interpessoais.

Além disso, outro fator me chamou a atenção como psicólogo, a construção do processo saúde-doença. Durante cerca de seis anos estudando a psicologia, entrei com contato com diversos discursos que questionavam o modelo biomédico de saúde e doença mas que efetivamente ainda estão alinhados com o discurso da clínica. O estudo sobre os *sXe* me mostrou que há outras práticas não formais que podem ser terapêuticas e propiciarem saúde física ou psicológica aos indivíduos. Contudo, ao relacionar este fato com meu conhecimento clínico considero importante compreender a produção subjetiva (GONZÁLEZ REY, 2005) do indivíduo faz e sua relação com o processo saúde-doença.

Não se trata aqui de desautorizar a psicologia, mas de trazer para o debate a individualidade

do sujeito. Como meu próprio informante disse, a identidade que os indivíduos tem para ajudar em sua “cura”. Sob uma perspectiva antropológica, considero que a compreensão do contexto cultural onde o indivíduo está inserido contribui para a intervenção do psicólogo na prevenção e promoção da saúde.

Considero profícua a abertura que a psicologia, em alguns ramos, dá para outros saberes. Em meu caso, o saber antropológico auxiliou-me a observar de forma diferente o ambiente cultural no qual estou imerso e compreender alguns processos importantes. Por um lado minha formação como psicólogo me suscitou o interesse em vislumbrar a individualidade e a subjetividade dos indivíduos o que foi importante para conceber as possibilidades de diferentes identidades dentro do movimento.

Compreendo a etnografia como uma ferramenta importante e que deveria ser utilizada com mais frequência na psicologia, pois permite apreender a realidade coletiva sobre a qual desejamos intervir. A psicologia por mais que tenha se voltado durante muito tempo para um sujeito bem específico o indivíduo de classe média, pode estender suas análises e intervenções para outros indivíduos de forma a causar uma agência positiva no mundo.

Inicialmente me foi colocado sobre minha pesquisa como uma dificuldade a necessidade de separar o discurso nativo do discurso científico. Todavia Abu-Lughod(1985) e Yuji (2006) me ajudaram a voltar meus esforços para compreender aquilo que só um nativo pode compreender entretanto sob a perspectiva da ciência e com o domínio das ferramentas dela. Certamente, isto não é de forma alguma fácil. Tentei aqui fazer um exercício onde a ciência não se apresentou apenas interpelando os indivíduos, mas dando um espaço de fala para eles a partir do domínio das lógicas e do vocabulário científico e de certa forma a fala de meus informantes me surpreendeu pois mostraram sua subjetividade e a forma como vivenciam o movimento que é em alguns pontos da forma como eu aprendi a enxergá-lo.

A partir deste estudo, espero que possa ter, a partir de uma pequena contribuição, ajudado o saber psicológico na compreensão do processo saúde-doença e da importância da compreensão da significação que é feita pelos indivíduos. Considero que é de fundamental importância compreender como se dá a elaboração psíquica do sujeito e sua relação com o processo saúde-doença.

Por fim, considero importante que hajam na psicologia outros estudos que busquem compreender o processo saúde-doença em outros segmentos da sociedade de forma que promova uma melhor compreensão sobre a significação e sua importância na elaboração psíquica do sujeito e sua relação com o processo saúde-doença. Dessa forma, assim o trabalho do psicólogo pode sair do consultório e compreender que aqueles indivíduos “tratados” após deixarem o consultório irão inserir-se em um mundo que vai além dos indivíduos. De certa forma em meu trabalho desmontei e

tentei analisar a cultura do movimento em suas minúcias com este fim.

A partir dos dados encontrados, espero que seja possível se utilizar uma abordagem do processo saúde-doença como problematizei em meu capítulo V, focada na compreensão da significação que o indivíduo faz de suas práticas e suas relações com a saúde-doença. Assim, é possível que se trabalhe na promoção da saúde e na prevenção do adoecimento psíquico a partir daquilo que é inteligível culturalmente para aquele indivíduo, grupo ou comunidade. A partir do estudo dos *Straight Edge*, verifiquei a importância dos *core values* na elaboração psíquica dos membros do grupo e sua relação direta com a construção do processo saúde-doença e compreendi então a importância das construções culturais na vivência do processo saúde-doença por cada indivíduo, grupo ou comunidade.

Desencantamento do Mundo

Após descrever e analisar de forma científica o grupo do qual faço parte há quatro anos, pude observar e compreender a lógica das práticas utilizadas pelo grupo e principalmente a forma como se dá a subjetivação da saúde para o grupo.

Passei pelo processo de estranhamento do familiar descrito por Da Matta (1981) na medida em que aquilo que para mim era considerado natural se revelou um constructo advindo de vários rearranjos das relações sociais. Consegui apreender a forma como diferentes discursos introduziram-se no movimento guiando as ações dos atores.

A compreensão da distância psicológica apresentada por Velho (1978) me permitiu fazer uma reflexão e compreender como diferentes individualidades conseguem se enquadrar em uma mesma identidade grupal (HAENFLER, 2006). Na medida em que a distância psicológica me auxiliou a compreender as diferentes individualidades presentes no *sXe*, ela me auxiliou a compreender em outro momento a teia relacional na qual estão unidos os membros do movimento, sustentada pelos *core values* e delimitados por uma mesma área, o *Straight Edge*.

O processo de racionalização e compreensão das práticas do *Straight Edge* me levou pelo mesmo caminho daquele que descobre que a mágica não existe no mundo, e sim que há um ilusionismo montado com a ajuda de biombos, espelhos e fumaças.

A intelectualização e a racionalização geral não significam, pois, um maior conhecimento geral das condições da vida, mas algo de muito diverso: o saber ou a crença em que, se alguém simplesmente quisesse, poderia, em qualquer momento, experimentar que, em princípio, não há poderes ocultos e imprevisíveis, que nela interfiram; que, pelo contrário, todas as coisas podem –

em princípio – ser dominadas mediante o cálculo. Quer isto dizer: o desencantamento do mundo. Diferentemente do selvagem, para o qual tais poderes existem, já não temos de recorrer a meios mágicos para controlar ou invocar espíritos. Isso consegue-se graças aos meios técnicos e ao cálculo. Tal é, essencialmente, o significado da intelectualização. (Weber, 1917, p. 13-14)

Após analisar e compreender a dinâmica de sociabilidade, práticas ascéticas e sua relação com a forma como foi construída na tribo a subjetividade quanto ao processo saúde-doença considero importante levantar alguns pontos. O *Straight Edge* tem como um diferencial a introjeção das práticas ascéticas presentes na cultura cristã. Contudo ao invés de buscar o outro mundo como os cristãos (FOUCAULT, 1982), há uma busca pela consciência e a saúde emerge no processo através da significação que os indivíduos fazem sobre a saúde. Existe uma necessidade da saúde, não como um fim mas como um meio para alcançar a consciência. As práticas que visam, proporcionar a saúde tem como finalidade não a saúde mas o alcance de um estado de consciência que só pode ser alcançado com um corpo “são”.

A adoção de práticas saudáveis pelo grupo são significadas como consequência dos *core values*, mas como dito anteriormente poderiam ser suscitadas por qualquer outro fator, entre eles a religião, eles apenas apresentam uma das muitas significações possíveis. Mas há, para os membros um significado na adoção destas práticas que vai além da busca pela saúde, talvez seja o fato de não ser um ascetismo austero como o clássico nem demasiadamente frugal quanto o protestante. O asceta na antiguidade se isolava da convivência em busca da iluminação (FOUCAULT, 1982), já os *Straight Edges* criam um circuito de sociabilidade que através das práticas ascéticas promova a tomada de consciência. Existe, em última instância no *Straight Edge* uma ascese grupal?

Referências Bibliográficas

- AABBOTT, J., ACHBAR, M., BAKAN. A corporação: a busca patológica por lucro e poder (DVD). Canadá 2003.
- ABU-LUGHOD, L. Veiled sentiments. Honor and Poetry in a Bedouin Society. Berkeley, London: University of California Pres, 1985.
- BARTH, F. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1989/2000.
- BELL, C. Bigger, Stronger, Faster Is it still cheating if everyone's doing it?(DVD). New York. Weider Publications, 2009.
- BENEDICT, R. O Crisântemo e a Espada. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 1934/1972.
- BITTENCOURT, J. Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnografia dos Straight Edges em São Paulo (Tese de Doutorado). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011
- BIZERIL, J.(2010). O caminho do retorno: Envelhecer à maneira Taoista. Horizontes Antropológicos. 2010 dez. ano 16, n. 34, p.287-313.
- BOAS, F. Os métodos da etnologia. In: CASTRO, C. (org.). Antropologia Cultural: textos selecionados, Rio de Janeiro: Zahar 1920/2005.
- BRANDÃO, J. Mitologia Grega, volume II. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- CASTRO, E. O nativo relativo. Mana vol.8 nº.1 p.113 a 148 Rio de Janeiro, 2002.
- DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'. In: NUNES, E. O. (org.). A aventura sociológica, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rocco.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978/2007.
- FROER, J. Comer animais. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA 2009/2011.
- FOUCAULT, M. As técnicas de Si. in A seminar with Michel Foucault. Anherst: The University of Massachussets Press, 1988, p. 16-49.
- _____. (2008). Microfísica do Poder. São Paulo: Editora Graal Editora.
- GONZÁLES REY, F. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Editora Pioneira, 2005.
- HAENFLER, R. Straight Edge: Clean-Living Youth, Hardcore Punk, and Social Chance. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2006.
- KELLY, C. S. O poder do campo e o seu campo de poder. Série Antropologia nº: 385, do departamento de Antropologia da UnB. Brasília, 2005.

LEITÃO e ECKERT. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos(Monografia).Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MADUREIRA, A.F., BRANCO, A.U. A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. Temas em psicologia da SBP, Vol 9º, 63-75, 2001.

MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.

MALUF, S. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. Trabalho apresentado na mesa-redonda "Corpo, cultura e textualidade", no Seminário internacional Fazendo Gênero 4, Florianópolis, UFSC, maio de 2000, e no 4º Encontro de Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema (Socine), Florianópolis, 2002.

MONSON, S. Terráqueos. Califórnia Estados Unidos, 2005. Disponível em <http://www.terraqueos.org/> acessado em: 07/11/2012.

OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora Unesp, 2006/2008.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. Cadernos Saúde Coletiva, nº77 2003 p.59-77. Rio de Janeiro , 2003.

PORTILHO, F. Consumo sustentável limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo. Cadernos EBAPE, FGV p.1-12, 2005.

PULCINELLA, M. Day in the life with Kai Greene. New York. Flex Magazine, 2012. Disponível em: <http://www.flexonline.com/videos/ifbb/day-life-kai-greene-part-one> acessado em 23/09/2012.

SABINO, C. LU, M. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. PHYSIS. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. 16(2) p. 251-272. 2006

TANGERINO, D. Verdurada: uma breve reconstrução dos interdiscursos que constituem sua história. Vitória: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-1141-1.pdf> acessado em 20/03/2012.

VELHO, GILBERTO. Observando o Familiar. in: NUNES, E. O. (org.) - A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WEBER, M. A Ciência como Vocação, 1917. Acessado em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf

YUJI, N. Another possibility for “native anthropology” - The Anthropological Understanding of Kuroda Toshio and Shibutsu Shûgô. Japan: Rikkyo University, 2006. Disponível em <http://21coe.kokugakuin.ac.jp/articlesintranslation/pdf/nakanishi.pdf> acessado em: 20/03/2012.

ANEXO _1_: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

"I've got Straight Edge": postura antidrogas e veganismo político na cena Straight Edge de Brasília."

Centro Universitário de Brasília – UNICEUB:

Professor(a) orientador(a)/Pesquisador responsável: José Bizerril

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UnICEUB, com o código _____ em ____/____/____, telefone 39661511, email comitê.bioetica@uniceub.br .

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.
- Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é a análise do impacto de uma cultura antidrogas e vegana no processo de construção do conceito de saúde/doença por jovens participantes da cena Straight Edge de Brasília.
- Você está sendo convidado a participar exatamente para analisar as atitudes de membros do grupo a ser analisado devido sua posição política e convicções.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista aberta/não estruturada.
- Haverá também a participação do pesquisador em uma etnografia que será realizada através de observações participantes em shows, lojas e pontos de encontro dos participantes do movimento em Brasília.
- A entrevista da qual você participará será gravada por um aparelho de áudio para que o pesquisador possa analisar os dados posteriormente.

Riscos e benefícios

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- A pesquisa possui riscos mínimos.

- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre o a cena Straight Edge em Brasília e os impactos dela na formação política e do conceito de saúde dos jovens participantes da cena.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os resultados desta entrevista aberta e observação participante será utilizado para a confecção de minha monografia de conclusão de curso, entretanto, ela mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome.

Eu, _____ RG _____,

após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, _____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador(a) responsável José Bizerril, contato: questoes.antropologicas@gmail.com

Pesquisador(a) auxiliar Caio Capella Ribeiro Santos, telefone/celular (61)35524752/(61)81306540